

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

SOLEANE PORTES E SILVA

**DEIXAR-SE ESCREVER: MULHERES, PODER E
RESISTÊNCIA**

**VITÓRIA
2018**

SOLEANE PORTES E SILVA

**DEIXAR-SE ESCREVER: MULHERES, PODER E
RESISTÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional. Linha de Pesquisa: Subjetividade, Saúde e Clínica.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leila Domingues Machado.

**VITÓRIA
2018**

SOLEANE PORTES E SILVA

**DEIXAR-SE ESCREVER: MULHERES, PODER E
RESISTÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional. Linha de Pesquisa: Subjetividade, Saúde e Clínica.

Defesa em 25 de fevereiro de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Leila Domingues Machado
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Figueiredo Louzada
Universidade Federal do Espírito Santo
Membra interna

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Castilho Romera
Universidade Federal de Uberlândia
Membra externa

Às mulheres da pesquisa, pela riqueza,
pelos encontros, pela inspiração.

À minha mãe, pela bravura e coragem.

À Renatinha, pela cumplicidade e amor.

AGRADECIMENTOS

Percebo o desejo me apontando um dedo para agradecer algo que não sei nomear, por isso chamarei de VIDA. Então, começarei agradecendo a ela.

Agradeço à vida que tive e venho tendo no percurso dessas mais de três décadas de existência, pois ao sentar para pensar e escrever esses agradecimentos, percebo que há tanto, mas tanto a agradecer, que se não me cuidar para ser concisa, não há páginas suficientes neste mundo. Sou uma privilegiada. E sou imensamente grata às oportunidades que tive.

À Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA), onde estudei dos meus dez aos quinze anos de idade e onde aprendi sobre a diversidade, empatia, generosidade, política, respeito, poesia.... Onde descobri que eu tinha uma voz, que ela era potente e que podia ser ouvida. Onde aprendi a amar livros. Onde comecei a me apaixonar pela psicologia, mesmo ainda não sabendo.

À Psicanálise, que aqui chamarei de Maria Lúcia Castilho Romera, professora amada, que por uma “confusão” com palavras, me ensinou que a vida pode e deve ser includente, ser isso e aquilo. Aprendi que melhor que engessar, é bater as asas, é voar e pousar. Pousar, pousar num pão de queijo, voar, colocar um chapéu, voar, ir pra São Paulo, voar, ler, ler Teoria dos Campos, voar, poemar, dançar em qualquer ritmo, dançar poemas. Obrigada especial aos retornos dos textos da época dos estágios. O seu olhar foi essencial.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI) da Universidade Federal de Espírito Santo e seus professores e demais funcionários. Por me acolherem e me abrirem novas possibilidades de leituras e visões de mundo. Voltar a frequentar a Academia além de ter sido uma experiência estupenda, também foi delicioso.

Aos colegas de orientação, em especial: Fernando Luiz do Nascimento, Kamila Vilela de Souza e Louis Emil Theodor Wentz Neto. Ao último, pela ajuda inicial e por me apresentar aos livros que me fizeram conhecer e desejar o mestrado no PPGPSI: “Cartografia Sentimental” e “À flor da Pele”. À segunda, por sua imensa beleza, generosidade e fundamental presença ao longo do mestrado. Ao primeiro, por mais do que acompanhar minhas angústias e dúvidas, me incentivar, me ajudar a manter

meus pés no chão e a olhar meu texto com bondade e carinho. Também o agradeco de coração pela apurada revisão.

À Leila Aparecida Domingues Machado, pelo seu livro, que me fez chorar já na página dezoito e que me deu energia e inspiração para estudar e me preparar para a seleção do mestrado. Também pela orientação, gentileza e paciência. Obrigada.... Que bom que pudemos terminar este percurso.

À Ana Paula Figueiredo Louzada, pelas aulas, pelas dinâmicas com corpo vida olhares. Também pela abertura e disponibilidade de ler meu texto e com esmero, inteligência e amorosidade, devolver provocações e potência.

Aos analistas Nara Cristina Resende Gomes e Geraldo Alberto Viana Murta.

Aos amigos irmãos: Ana Thereza Barbosa, Renata Filsner, Leonardo Bernardino e Itamar Rios, se vocês não existissem, eu seria muito menos! Me faltaria tanto! Me faltaria luz, música, cor. Minha vida seria menos alegre, menos interessante e menos significativa. Eu seria outra, menos Sol. Os seus olhares melhoram o meu. Suas vidas dão mais sentido à minha. Que prazer imenso poder ser acompanhada por vocês nas minhas caminhadas e em especial, nesta. Me sinto honrada e muito privilegiada. Vocês são demais. Muito obrigada.

Às amigas mulheres Amanda Prezentino, Luíza Mollo, Giselle Justo, Laura Sampaio, Letícia Tannús, Stephania Masotti, Indira Pinto, Fernanda Brito, Elis Novaes, Fabi Ane Baron. Sou grata pelas mulheres que são e por dividirem comigo vida e histórias. Obrigada por me acompanharem de longe ou de perto.

Ao meu pai, João Batista, que de modo sensível e incondicional sempre se faz presente em minha vida. Meu pai me ensinou a primeira palavra que me fez encasquetar com o português: *cogitação*. Talvez aí tenha se dado o plantio do encantamento com palavras que tenho. Obrigada.

Ao meu irmão, Leandro Martins, pelo carinho e amizade. Pelo seu entusiasmo contagiante por música, com suas melodias e letras e também por ter, lá atrás, “aberto” meus caminhos nas Humanas ao escolher cursar Ciências Sociais. Te admiro. Que bom te ter como irmão!

À minha mãe, Dilma de Fátima, mulher extraordinária, sensível e forte, que ao longo de seus percursos e a seus modos, sempre soube se manter resistente e em luta.

Portadora de uma coragem comovente de se permitir mudar, questionar e se reinventar sempre. Dona de contagiantes afetos potentes. Você para mim é inspiração e amor. Que orgulho em ser sua filha. Gratidão!

À Theo, meu filho, concebido, gestado, parido e amamentado ao longo do mestrado. Você abre portas e janelas dentro de mim. Ser sua mãe é a experiência mais avassaladora e maravilhosa da minha vida. Sua existência me faz ser uma mulher mais corajosa, destemida, brava, espontânea e bondosa. Obrigada para além das palavras. Você é poesia.

Agradeço a Leonardo Fernandes, meu companheiro, meu amor, meu marido. Sou tão grata pela nossa vida, pela nossa casa, pelo nosso filho, pelas suas bochechas que levantam quando você contente, me vê.... Obrigada por continuar escolhendo estar comigo e enfrentar tudo ao meu lado. Você opta, corajosamente, andar pelo caminho mais justo, mesmo que isso seja penoso, desconfortável e dê trabalho. Você abre mão de privilégios e topa refletir e repensar modos normalizados de se relacionar e de fazer casamentos. Obrigada pelo respeito, por me apoiar sempre e me ajudar a acreditar que tudo vai dar certo. Te amo além do que é possível ser dito.

RESUMO

Durante o mestrado e mesmo antes, em encontros com mulheres, nos inspiramos. De modo presencial, em atendimentos psicoterapêuticos, nas ruas, em eventos sociais, reuniões informais. Virtualmente, por meio de aplicativos de mensagens e mídias sociais. Foram feitas buscas/olhares/rastreios, guiados por percepções, emoções, pensamentos. Encontros que aconteceram individualmente ou em grupo, em sua maioria, de modo espontâneo. Neles, ouvimos histórias, assistimos cenas, conversamos sobre diversos assuntos e fomos percebendo que havia uma linha que os atravessava. O que as mulheres desses encontros têm em comum? Elas vivem histórias cheias de atritos que atribuímos acontecerem pelo fato de serem mulheres. Esta linha estava marcada por jogos de força, que identificamos serem incessantes exercícios de poder e de resistência, tais como Foucault os apresenta. Estas mulheres, cada uma a seu modo e de acordo com suas singularidades, são capturadas e resistem, escapam e são novamente capturadas, e resistem.... Juntas, fomos procurando palavras e modos amorosos de contar as histórias. Neste ponto, encontramos Barthes e Benjamim, que nos ajudaram a compor a escrita de vidas como um gesto coletivo, não fiel às completudes e totalizações, que pode ser criativa, sensual, que destaca a importância da experiência, que não tem pressa e não se preocupa com o encadeamento ou a sequência exata dos fatos, que salienta e prima pelos fragmentos, trechos. Uma escrita com sabores, assim forjamos as *escritações*: um jeito nosso de conceber estas composições. As *escritações* são histórias, advém de casos que aconteceram, mas elas não são necessariamente um relato deles. Histórias que nos ajudaram a entender e a dialogar com os conceitos.

Palavras-chave: Mulher. Escritações. Poder. Resistência. Clínica.

ABSTRACT

During the master's degree and even before, in meetings with women, we were inspired. In person, in psychotherapeutic consultations, in the streets, in social events, informal meetings. Virtually, through messaging and social media applications. There were searches / looks / traces, guided by perceptions, emotions, thoughts. Encounters that happened individually or in groups, mostly spontaneously. In them, we heard stories, watched scenes, talked about several and various subjects and we realized that there was a line that went through them. What do the women of these encounters have in common? They live stories full of conflict-friction that we attribute to the fact they are women. This line was marked by contests of force, which we identify as incessant exercises of power and resistance, as Foucault presents them. These women, each one in their own way and according to their singularities, are captured and resist, escape and are captured over again, and resist Together, we were searching for words and loving ways to tell the stories. At this point we found Barthes and Benjamin, who have helped us to compose the writing of lives as a collective gesture, not faithful to completeness and totalizations. A writing that can be creative, sensual, and highlights the importance of experience. A writing that does not hurry or worries about the chain or exact sequence of facts, that gives importance to the fragments. A writing with flavors. From these we forged the *escritações*: our own way to conceive our compositions. The *escritações* are stories, they come from cases that happened, but they are not necessarily a report of them. And they helped us to understand and dialogue with the concepts.

Keywords: Woman. *Escritações*. Power. Resistance. Clinic.

SUMÁRIO

<i>Ela era a outra</i>	11
EXPERIMENTANDO OS SABORES DA PESQUISA	15
<i>Desculpa, eu não consigo te ouvir</i>	22
1 ABRINDO A MASSA	24
<i>A mulher nua</i>	31
2 NÃO HÁ MODO DE PREPARO PARA ESCREVER VIDAS	36
<i>Preciso falar, me escute. Ou... Vejo tantas mulheres!</i>	38
2.1 AO PONTO COM O BIOGRAFEMA	43
<i>Bela</i>	50
2.2 NARRATIVA À MILANESA	54
<i>Sobre essa mulher. Ou... O que é isso, mulher!?</i>	57
2.3 APURANDO O SABOR DA EXPERIÊNCIA	62
<i>Arrependida</i>	65
2.4 AROMATIZAR, CURAR, DECANTAR, SOVAR: O NASCIMENTO DAS <i>ESCRITAÇÕES</i>	69
<i>Mães</i>	75
3 DANDO LIGA COM O QUE NOS ATRAVESSA	79
<i>Febre</i>	80
3.1 <i>AL DENTE</i>	83
<i>Diário</i>	91
<i>A velha de hoje</i>	97
<i>Lar</i>	100
5 LAVANDO A LOUÇA	103
REFERÊNCIAS	107

Ela era a outra

Quando chegar aos 30
serei uma mulher de verdade
nem Amélia nem ninguém
um belo futuro pela frente
e um pouco mais de calma talvez

e quando chegar aos 50
serei livre, linda e forte
terei gente boa ao lado
saberei um pouco mais do amor
e da vida quem sabe

e quando chegar aos 90
já sem força, sem futuro, sem idade
vou fazer uma festa de prazer
convidar todos que amei
registrar tudo que sei
e morrer de saudade.

Martha Medeiros¹

No bar ela se lembrou do passado. Há mais de dez anos
não frequentava a universidade. Estava feliz e se sentia
inserida. Inserida e isso é bom. Era, para ela, ali. Já que
estava em um lugar tão longe dos seus. Inserida. Será que
havia encontrado um novo lugar? Aquele lugar também
podia ser seu? Se mudou de cidade atrás de um homem.
E geralmente se cobrava muito por isso. Culpa, talvez.
Mas, nesse momento, estava tudo bem...

Conversas grávidas de quase nada. Bom. Leve. Gostoso.
Novo. Tinta fresca que cheira. Um pouco sensível ao
toque. Talvez já estivesse quase seca. Dava pra encostar
um pouco. Encontros... Um pouco da intimidade recente.
Olhares tímidos. Contentes. Esperançosos. Desconfiados.
Teve encontro.

O novo deu saudade do velho. O velho que não tinha
passado. Que não cobrava. Quando a biologia era gentil...

¹ Medeiros (1999, p. 84).

O pensamento, mais frouxo... E isso é bom? E isso é ruim? De todo modo, aquela trégua era bem-vinda.

Lembrou das amigas daquela época. Intimidades que desbotaram, ficaram desinteressantes ou desencontradas. Mas que foram tão importantes. Outras foram reconstruídas, ficaram diferentes, potencializadas. Ela sente saudade delas... Mas sente mais alegria por hoje, especificamente, serem outras.

Esqueceu-se, por um instante, de pensar em decidir se quer ter filhos. Sentia o barulho da biologia batendo à porta. Elas – as outras amigas, têm. Cada uma, dois filhos agora. Grávidas de bebês, mães de crianças. Ela, ali, sem filhos e quase sem emprego, sentia uma deliciosa alegria que sabia ser momentânea, mas não importava.

E a cerveja está gelada. Não é a cerveja que tomava nos dias de hoje, era a cerveja do passado. Barata e menos pretenciosa. Menos complexa. Mais clara. Hoje ela prefere outras, mais densas, intensas, caras, turvas. Aprendeu a gostar e mantém um orgulho escondido disso. Outros tipos de fermentações. Outros sabores. Mas temeu ser julgada, denunciada. Ela era essa. Também a da cerveja barata. E pode ser.

Será que alguém aqui tem filhos? - ela pensou. Isso importa? Excitada, quer participar dos assuntos. Todos parecem interessantes. Tem dificuldade em escolher onde vai pousar seus olhos e o que vai tentar ouvir. Pensa que talvez isso não importe tanto. Ela tem tido lapsos de memória e não sabe se por velhice ou por desinteresse com a vida. Ela só precisa conseguir ficar presente. Pensa nos clichês. Mas não se aborrece dessa vez.

Fecha a conta. Fica surpresa com o valor. Não se lembra da última vez que pagou tão pouco numa conta de bar. Pensa que a vida poderia ser barata, mas é cara. A vida é cara. Fica viajando com essa ideia, com os pensamentos um pouco

embriagados. Vai caminhando com os novos amigos. Jovens.

Bem mais jovens que ela. E daí?

Desvia das mesas. Desce e sobe paralelepípedos. Olha antes de atravessar, mas não para. Vai andando. Troca ideia com quem acompanha seu passo. Lembra do marido que está em casa. Sente seu coração acelerar ainda mais.

Sabe a cara que ele fará ao lhe ver chegar: bronca de brincadeira, chacota e sorriso com as bochechas levantadas. Parece conseguir ler seus pensamentos... Teme um pouco, não sabe muito bem por quê. Detesta se sentir tola. Mas não se preocupa com isso, hoje. E sabe que ganhará um beijinho. Suspira e pensa: Vai ser bom também chegar em casa...

Sente um pouco de culpa e não gostaria, mas não chega a se chatear. Ela, a culpa, é sua companheira desde que se entende por gente. Lembra-se de, ainda criança, ficar pensando se deveria comer isso ou aquilo, por medo de ficar gorda. Também gostaria de ter sido mais espontânea, pois sempre pensava muito antes de agir por não saber direito o que era adequado. Suspeita que o motivo da culpa hoje seja outro e faz formulações quase que automaticamente: será que é por que estou feliz? Dá de ombros e planeja levar a questão para sua sessão de análise na segunda-feira.

Lembra que é bom andar a pé. Sempre gostou. Andava quilômetros e quilômetros a pé em sua cidade natal. E sabia a rota de vários ônibus. Desde os seus dez anos de idade ia sempre onde quisesse e não era acostumada a dar explicações ou se justificar. E como detestava ser repreendida, dava um jeito de atender às expectativas, decepcionando muito pouco as pessoas, mesmo que isso lhe custasse um preço. Ela costumava sentir-se mais aliviada que agradecida pela confiança depositada. Hoje,

adulta, ela fica querendo não ter deveres e se sente encurralada todo o tempo.

Andando a pé, ela pensava muitas coisas. Pensa que talvez gostaria de não ter um carro. Mas tem. Bem como tem hoje uma necessidade sacana de se desculpar, ferindo constantemente o seu orgulho e esperando um retorno que não sabe o que é ou se virá. Ela almeja uma vida para o futuro, mas sente que esse futuro deveria estar mais longe do que está. Sente que ele sempre chega rápido demais. Ela tem um carro. E IPVA e seguro e combustível e tudo. Sente-se inadequada para lidar com uma porção de coisas, mas sempre dá conta. Lamenta escondido ser adulta.

Mais uma vez, lembra-se da casa em que vive, sua casa. E das verduras que terão que ser cozidas ou congeladas para não apodrecerem na geladeira. A casa e seus tantos móveis. E um marido. Pensa, como tem pensado com muita frequência ultimamente, o que é ser uma mulher com trinta e quatro anos. Não chega a nenhuma conclusão. Sobe outro paralelepípedo, está chegando em casa. Suspira. Checa o hálito de cerveja, sorri e não coloca nenhum chiclete na boca. Sobe as escadas devagar. Abrindo a porta já se sente nostálgica. Fecha a porta e se sente feliz. Logo avista um sorriso. E duas bochechas levantadas.

EXPERIMENTANDO OS SABORES DA PESQUISA

Este texto, mesmo antes de se iniciar, já se dá para ser provado. Ele, como uma cozinheira carente, chama a convidada na cozinha e estica uma colher recém tirada da panela em sua direção. Experimenta!

“Ela era a outra” é isso, um aperitivo. É algo que faz o papel de, informalmente, apresentar a escrita para a leitora, na esperança de que ela se interesse, de que ela aprecie o gosto, que reconheça alguns dos ingredientes, que fique para o jantar mesmo ainda não sabendo qual o cardápio.

O que tinha na colher, ofertada tão abruptamente antes mesmo de qualquer introdução, é uma mulher. É uma mulher que trabalha, estuda, que bebe cerveja, que vai ao bar e que volta sozinha para casa. É uma mulher que não gosta de dar muitas explicações. É uma mulher que se acha velha e se acha menina, que gosta de conhecer gente nova, que tem amigos, que tem medo. É uma mulher que dá muitas explicações e sente culpa por tudo todo o tempo. Que tem marido, que acha que quer ter filhos, que gostaria de ser mais nova, que gosta de não ser tão nova. É uma mulher que tem muitas dúvidas, que gosta de ser ela e que, ao mesmo tempo, tem dificuldade em se sentir bem consigo mesma, seja em suas ações, seja dentro do seu corpo.

Ela, que era a outra, também teve coragem de ser aquela. Mas que ao mesmo tempo sente culpa por temer não ser “feminista o suficiente”, por ter se mudado de cidade por um homem, e que às vezes se esquece que também se mudou por amor e por acreditar ser a melhor decisão para sua vida. Uma mulher que se cobra exageradamente, que sente o peso da idade e de cogitar não estar atendendo às expectativas sabe-se lá de quem. Uma mulher que ouve uma voz dizendo que já deveria ter filhos a esta altura (talvez dois), que deveria ter um emprego melhor e ser mais bem-sucedida profissionalmente, mas que resolve atender ao desejo de voltar para a universidade, estudar, e ir para o bar no meio da semana. Uma mulher que por vezes perde a espontaneidade, mas que se esforça para construir espaços de alegria e prazer, que questiona e tenta não se desculpar tanto, que rebate seu medo e que não coloca o chiclete na boca para disfarçar quem é. Ela é uma mulher que está em relação de forças, que sente o peso de várias tentativas de normalizações na pele: o

que ela deve fazer e como e quando, o que ela deve querer, como ela deve se sentir, que aparência ela deve ter, dentre outras tantas regras. E ao mesmo tempo é uma mulher que resiste. Exercícios de poder e resistência constantes.

É uma mulher no singular, com muitas idiossincrasias, mas que está inserida, onde quer que ela esteja, em relações de forças dinâmicas e instáveis. Forças que tentam normalizar suas condutas através de normas, normas que tentam dizer quais comportamentos são aceitáveis e bem-vindos, quais são recrimináveis e mal vistos e em que condições tais comportamentos podem ser exercidos. Embora sua história, vida e experiências sejam ímpares e distintas, viver em atrito e lidar com tais questões que envolvem poder e resistência podem e são compartilhadas com outras mulheres.

Na próxima porção do texto, intitulada 'Abrindo a massa', uma pista: este trabalho falará de passagens da vida de algumas mulheres que vivem nos dias de hoje, passagens apresentadas de modo diferente das biografias comumente vistas e que tem, em comum, o fato de serem recheadas por atritos, jogos de forças a que as mulheres participam, querendo ou não. Histórias batizadas de *escritações*, cujo relato do nascimento será apresentado mais à frente. No início do texto, até chegar ao ponto de dizer o que seria feito no trabalho, a escrita precisou comparecer em primeira pessoa do singular, pois se descobriu possessiva e apegada, criada para acreditar no individualismo e em identidades próprias. Contudo, com o caminhar do texto, essa mesma escrita, feita à flor da pele, vai também se reconhecendo como coletividade. E embora ainda um tanto egossintônica, vai convidando parceiros para a empreitada que viria a ser a pesquisa. Vai buscando interlocutores que a ajudem a fazer chão para que a pesquisa e a tal desejosa escrita fosse possível de ser realizada na academia.

Assim, nas trocas e no processo de investigação de como poderia dar corpo e contornos para a escrita da pesquisa, e desejosos por conceber uma forma de contar as histórias que não se julgasse absoluta, ou que fosse autoritária, pretensiosa ou limitante, descobrimos as ideias de biografema com Roland Barthes e de narrativa com Walter Benjamin. Fomos inspirados: "não existe por trás do texto ninguém ativo e diante dele ninguém passivo; não há um sujeito e um objeto" (BARTHES, 2015, p. 23).

Daí, em 'Ao ponto com o biografema' falamos sobre algumas das ideias de Roland Barthes, escritor, sociólogo e filósofo francês, que nos propõe um tipo de escrita de vida que tem como gatilhos disparadores os traços, os fragmentos, que nasce e se inspira a partir deles. Uma escrita que cria sentidos e foge das totalizações, não pretendendo dar conta de qualquer completude. Nos simpatizamos com isso, dado o intuito das nossas *escritações* serem o de pensar questões relacionadas aos poderes e às resistências e não ter que almejar contar coisas em suas totalidades. Barthes dá ênfase na criação e diz que o valor da escrita está no próprio fazer dela, mais do que em seus conteúdos. Ele declara entender o texto como um gesto coletivo e algo que inclui a sensualidade da linguagem: um texto que seduz, que convoca o corpo. Um texto que deseja ser comido.

Em seguida, em 'Narrativas à milanesa', falamos sobre passagens que nos chamam a atenção em alguns dos escritos de Walter Benjamim. Autor que além de filósofo e sociólogo, como Barthes; também foi tradutor e crítico literário. Benjamim trabalha a questão do que é contar uma história e ao desenvolver tal assunto, afirma que o narrador sempre retira da experiência o que ele conta, dando destaque a ela no processo de escrita. Ele descreve que a narrativa não submete os fatos às explicações, interpretações limitantes, não precisa ser plausível. Fala sobre ela como uma escrita cujo fim não é rigoroso e por isso não tem pressa e não se preocupa com o encadeamento exato dos fatos. O que nos agradou muito, uma vez que queríamos com a contação das histórias, dar destaque não à sequência ou curso da vida como um todo, mas às partes e trechos que havia nos tocado, em que neles pudéssemos reconhecer ali atritos e jogos de forças dos quais aquelas mulheres fizessem parte. Benjamim, de uma forma que consideramos bela, defende que a narrativa deve poder ser vivida e que tem como matéria prima a vida humana, estabelecendo com ela uma relação artesanal. Era assim que queríamos o gosto dos nossos escritos: sabor artesanal, de comida caseira e não de comida congelada industrializada aquecida no micro-ondas. Desejos por fogão de lenha e temperinhos frescos da feira ou colhidos na horta de casa.

Levados a pensar sobre a importância da experiência na escrita, mas também no processo de pesquisa e de poder criar um campo mais acolhedor e

disponível para que as histórias pudessem acontecer, entramos na parte do texto chamado 'Apurando o sabor da experiência'. Ali, degustamos Jorge Larrosa Bondía, professor na Universidade de Barcelona, cujos estudos de pós-doutorado foram realizados no Centro Michel Foucault da Sorbonne, em Paris. Ele traz reflexões sobre a experiência e sobre o sujeito da experiência. É proposto que a pessoa, para se constituir como um sujeito da experiência, há de ter abertura e disponibilidade para ser tocado. Para isso é necessário que possa fazer um gesto de interrupção: parar. Parar para olhar, ouvir, sentir. Deixarmo-nos ser interpelados e transformados. Ele diz que um fato ou evento pode ser comum, até repetível, mas que o modo como somos transformados pelo que acontece é singular. E que isso seria a experiência. Tal abordagem vai ao encontro com o que entendíamos e pretendíamos com a pesquisa. Não é possível simplesmente aprender com a experiência do outro, mas quem sabe fazendo uso dessa postura de abertura e disponibilidade como método, haveria uma forma de criar escritas que também pudessem abrir pausas, criar interrupções e assim, sendo tragadas, também funcionariam como experiência. Cozinhar nem sempre é fácil, queríamos uma comida que transmitisse mais do que nutrição.

Entramos na discussão de como as escritações nasceram, parte do texto chamada: 'Aromatizar, curar, decantar, sovar: o nascimento das *escritações*'. Entendemos nesse momento que precisávamos inventar um nome para nossa escrita. Ela já acontecia, já esquentava a cozinha, tinha texturas, cheirava e apetecia quem se aproximava. Cheiro de alho e cebola fritando na manteiga. Bolo assando no forno. Nossos interlocutores nos ajudavam a forjar um jeito singular de compor escritas e histórias de vida, mas não estávamos satisfeitos em chamá-las nem de biografemas, nem de narrativas, mesmo tendo sido influenciados pelas ideias do que são elas.

Era uma escrita de vida inventada, real, ficcional, fragmentada, surgida a partir de encontros que aconteceram em função de uma abertura e disponibilidade próprios e que puderam ser germinados e sentidos. Também produtores de sentidos. Os textos foram surgindo e ora os chamávamos de narrativas, ora de escrituras. Mas aquilo não estava sendo bem digerido, parecia que era outra coisa. Sem pensar muito e meio acidentalmente, começamos a nos referir aos

textos como *escritações* e fomos tomando gosto pelo nome, percebendo que nos era saboroso.

As *escritações* não são sobre uma mulher só. Não se pretende dizer de qualquer tipo de essência ou identidade e nem temos qualquer pretensão de generalizar e afirmar que estamos falando das mulheres como um todo, um grupo. As *escritações* surgem a partir do contato com algumas mulheres. Mulheres que não foram escolhidas por preencherem critérios específicos, elas surgiram de contextos variados e são muito diferentes. Falam de uma multiplicidade. Não houve um momento de coleta de dados. Mesmo antes de entrarmos no programa de Pós-Graduação ou de sabermos da existência de narrativas e biografemas, sempre que algo acontecia a partir desses encontros e nos chamava atenção ou impactava ou emocionava, fazíamos um registro. Tais registros eram feitos ora de forma concreta, papel e caneta na mão; ora de forma mnemônica, nó na garganta, taquicardia, ideia fixada na cabeça. Uma cena, um relato, uma música, uma fala. Geralmente coisas que se impunham a partir de uma distração. E mesmo que no início não soubéssemos ao certo o que fazer com o que ia surgindo, aos poucos os pedaços foram tomando forma e virando histórias. Então percebemos: algo se anunciava ali e tinha qualquer coisa em comum.

Barthes fala sobre um entendimento da escrita como algo maior do que uma atividade normativa ou científica, como algo com potencial de produzir sentidos novos. Este autor nos apresenta o fragmento barthesiano como algo que desliza sem parar e diz de uma importância desses deslizamentos e que o sentido deles não se situa necessariamente nos conteúdos que aparecem. Pensamos que os deslizamentos podem funcionar de forma similar aos poderes e resistências das relações às quais as mulheres fazem parte.

As mulheres da pesquisa são muitas, mas cada uma, à sua singularidade, enfrenta questões que tem relação com poder e com resistência. Vivem relações de poder e resistência. Ora exercem poder, ora exercem resistência. Abrem brechas, frestas, no chão duro em que pisam. O que tempera todas as histórias é a questão da singularidade e dos exercícios de resistência que todas praticam, cada uma com suas peculiaridades.

Sendo assim, este é um bom momento para apresentar 'Dando liga com o que nos atravessa'. Seção que apresenta uma discussão sobre poder e resistência, pois entende que se falamos com mulheres e se estas estão aí, vivendo e se relacionando, elas são atravessadas pelos poderes.

E se entendemos que as relações de poder sempre envolvem exercícios de resistência, que um não existe sem o outro, ou mesmo que um provoca o outro, então entendemos ser justo falar sobre ambos sob um mesmo subtítulo que será '*Al dente*'. Ali, vemos que Foucault refere-se a um poder que atua através de novos procedimentos, mecanismos que funcionam mais pela técnica, pelo controle e pelas normalizações, que pelo Direito e pelas leis. Um poder que tem um funcionamento mais capilarizado e que, desta forma, mais sorrateiramente, incide no corpo, nas vidas e captura o cotidiano.

Trazendo para nossa pesquisa, podemos dizer que tais modos de operação deste poder aparecem, em nossas *escritações*, nas vidas das mulheres. De forma a julgar, hierarquizar, ditar regras e modos aceitáveis de vida e de conduta. Uma atuação de poder que não é propriedade de ninguém e que não está localizado, mas distribuído em todas as direções e circulando de modo difuso. Que está em toda parte, provém de todos os lugares e se produz a todo instante. Que ora pode ser exercido pelas pessoas ao redor das personagens, ora por elas mesmas. Relações de poder que não estão separadas das outras relações presentes em nossas vidas. Deste modo, todas as relações nas quais nos encontramos, podem ser ou vir a ser relações de poder.

Embora a palavra poder possa ter sido mais usada até o momento, onde lemos poder podemos também ler resistência. O autor explica o caráter estritamente relacional entre ambos, e nós trabalharemos estes conceitos. Relações de poder sem resistência seriam configuradas como violência, uma via de mão única, e não é isso que podemos observar nas *escritações*. As personagens procuram abrir brechas em suas realidades, criar cenários de existência menos sufocantes, elas buscam possibilidades de transformações.

Estávamos empolgadas, desejamos estender a discussão, mas precisávamos concluir o trabalho. Em 'Lavando a louça', fizemos um breve resumo de como entendemos ter sido o percurso da pesquisa. As discussões dos conceitos

principais trazidos e como usamos das *escritações* para realizar a conversa proposta. Também retomamos brevemente a questão da escrita, sua relação com a própria vida e suas possibilidades. E, como um sabor surpresa, mencionamos um “experimento” realizado durante a feitura das *escritações*, que foi de dá-las para prova a outras mulheres. Exercício interessante que nos ajudou a ter pistas se estávamos caminhando na direção que intencionávamos – ou que desejávamos.

A partir desse ponto, mais ao final das considerações, a mesa estava posta e a escrita precisou voltar para a primeira pessoa do singular, desejosa de esquentar a própria barriga (ou o umbigo, de forma egóica). A mulher que assina como autora da pesquisa despediu-se de uma maneira bem pessoal (secretamente lembrando-se de sua terra, Minas Gerais, e do cheiro do pão de queijo que só se encontra por lá). Embora crente que seus relatos encontrariam interlocução com outras mulheres, e talvez isso a perdoaria pelo tom intimista.

Ela estava em frente ao computador, no escritório, mas sentiu-se como costuma sentir-se quando oferece sua comida, dando seu texto para ser provado, degustado, colocado à prova. Achava que era um texto que resistia aos dissabores da vida, que era composição de temperos e ingredientes e que vinha também como lugar de experimentação – tal como entendia ser a cozinha.

Ela teve dificuldade em se despedir e para que pudesse, fez menção a expressões feministas e justificou ter usado termos de cozinha ao longo do texto. Ela conta do seu amor pela culinária e confessa desejar que seu texto seja prazeroso. Ela revela que a pesquisa a ajudou a sentir-se mais próxima de outras mulheres e, com isso, também sentir-se mais resistente.

Boa leitura! Bom apetite!

Desculpa, eu não consigo te ouvir

Ela é nova... Jovem. Moderna. E por isso, faz o que quer.

* * *

Sai por aí, compra passagens. Longe, perto, logo ali, troca de continente. A relevância não está no que percorre, nesse caso. Trem, anda, corre, metrô, voa, caminha, neve, pula, floresta. Reúne-se a grupos e quer reuniões/encontros. Amigos, colegas, colegas dos colegas, pessoas do trabalho, pessoas do passado. Encosta de leve, sem tocar. Se despede sempre e nunca chora. Por que?... Apesar de estar ali, nem sempre está presente.

* * *

Há um som tocando. Batidas, toques, vibrações, tremores. Caixa de som. Música alta. É possível que seja algo novo, hippie (paradoxo), moderno. Hipérbole... Descolado. Alternativo, até – pensa. Quem são essas pessoas que estão próximas, ao seu redor? Faz ligações, mas não se conecta (não se sabe se sabe disso). O movimento do corpo antecede qualquer outro. Talvez por isso, não saia com frequência do lugar. Não se conecta. Talvez agora seja importante que só isso exista. Só essa possibilidade pode ser.

* * *

Não se ouve muita coisa, apesar de que é gritante que algo acontece. Por fora, frenesi. O que acontece é dentro dela. Mas parece fora... Talvez porque ela não reconhece como seu. Externaliza, joga pra vida, joga pra Deus, joga pro outro, sempre... Joga. Nesse jogo, as imagens se mesclam com as dela, com ela. Inventa um jogo que não conhece as regras. Não consegue tocar a angústia, mesmo que (ou por quê) se afeiçoe a ela, de vez em quando. Assim, como faz, fica delicado entender o que é fuga, o que é do acontecimento, o que é necessidade, o que é potência, o que é impossibilidade, o que é, o que não é. O que pode acontecer? Sabe que faz parte de um coletivo, mas não se

encontra lá, nunca. Sabe que existe, mas só cumpre. Se disponibiliza. Mas nem sempre para o que quer.

* * *

Ela faz o que quer. Beija. Um, dois, três, quatro. Vai pra cama. Sozinha, sem calcinha. Acompanhada. Não importa. Ela faz o que quer. Não está nem aí.

* * *

Angústia. Vômito. O estômago dela faz o que quer. Ela quer. Não sabe. Faz o contrário. Sofre. Se orgulha de fazer o que quer! Mas está doente, doendo. É admirada. É querida. Mas é menosprezada carinhosamente... Pelas mesmas pessoas. Repetição. Repetição. Repetição. Repetição. Acha estar inventando...

* * *

Ela escuta música e malha. Vai pra praia. Vai pra festa. Vai pra *rave*. Vai pro show. Não ouve nunca o que quer. Quer o que é querido. Ou o que supõe que seja... pelas outras pessoas. O que quer? Conecta-se. E fica alheia de si. Seu corpo faz o que quer (?). De si. Não se dá.

* * *

É uma boa profissional. Suspeito que ótima. Todos a querem, a contratam, pagam bem. É uma ótima profissional. Cerca afetos, menospreza desejos, engarrafa desconfiças de que algo acontece consigo.

* * *

Ela lutou muito. Moderna. Diz-se feminista. Foi caro para ela poder fazer o que quer. Rompeu, brigou, sacudiu. Ela sofre muito. Nem sempre percebe. Seu corpo sabe e tenta um diálogo. “O corpo não traslada, mas sabe muito bem, adivinha se não entende” como escreveu João Guimarães Rosa². Mas ela... ela não sabe o que quer.

² Rosa (2006, p. 29).

1 ABRINDO A MASSA

Sempre tive muita dificuldade com a escrita.
Sempre tive alguma facilidade para a escrita.
Sempre tive um imenso encantamento pela escrita.³

Gostaria de trazer primeiramente algumas questões relacionadas a posição do pesquisador nos processos de pesquisa. Lourau (1993) reflete sobre a importância de compreender que há, inevitavelmente, nos processos de criação, (e aqui, criação de uma pesquisa e de uma escrita) uma relação entre o que é elaborado/criado, com tudo o que o circunda: pessoas, coisas, libido... Entendemos essa escrita e lidamos com ela de modo implicado, como algo que não é asséptico, ao contrário, que está misturada, que é parte do mundo e, conseqüentemente, de nós todos. Com isso em vista, reconhecemos que a neutralidade pautada na objetividade não existe.

Procuramos explorar um pouco o que se trata estar implicado. Para isso, pedimos ajuda a Coimbra (1995), que fala sobre a importância de se analisar as bagagens, as referências, preceitos e princípios e, sobretudo, o lugar que se ocupa nas relações sociais em geral. Assim, implicação seria algo muito mais amplo do que engajamento, investimento, comprometimento ou envolvimento. É mais. Por isto ser pertinente um olhar para os diferentes lugares que se ocupa no dia a dia, para outros locais da vida e não somente para o âmbito da intervenção.

Portanto, com intuito de fazer esse reconhecimento, seguem trechos que consideramos serem pertinentes para este momento do trabalho. Cenas que atravessaram a escolha por trabalhar com a escrita e com histórias de vida com mulheres, mas que também, ante um olhar mais atento, ilustram situações recheadas de poder e resistência.

Participei por quase uma década, entre adolescência e fase adulta, de um grupo de teatro e voluntariado na minha cidade natal. Trabalhávamos onde quer que fôssemos chamados: escolas de rede pública do município, projetos sociais, encontros da juventude dos sem-terra, grupos de jovens em situação

³ Fragmento rascunhado a mão pela autora em uma das versões desta dissertação.

de rua, adolescentes vivendo com HIV, assentamentos, dentre outros. Agora olhando em retrospecto, percebo que muito do que fazíamos era o tempo todo permeado pela palavra e por questões relacionadas ao respeito, em especial, respeito às diferenças. Oficinas, grupos de discussões, trabalho e estudo, teatro, dinâmicas... Atividades que propúnhamos para trabalhar e pensar questões relacionadas à cidadania, machismo, sexualidade, igualdade, meio ambiente, feminismo e vários outros temas. A escrita era parceira e comparecia, tanto a nossa quanto dos participantes, como possibilidade de troca e de algum tipo de aprendizado que somava, multiplicava, instigava. Hoje, ao parar e refletir sobre esta fase, pareço perceber que ali devia⁴ uma menina/mulher querendo ser mais autônoma e que lutava por mais equidade. Há cerca de vinte anos não se conhecia muito essa palavra, mas será que já havia ali uma tentativa de empoderamento? Sei que havia resistências...

Em meio a isso, quando foi o tempo do vestibular, a escolha por estudar Psicologia seguramente foi influenciada por estas experiências. Durante o curso, desde quando foi possível, busquei encontros fora da sala de aula: participação em atividades na ala psiquiátrica do Hospital de Clínicas da Universidade (HCUFU), ensaios, grupos de arte/poesia/música/canto, oficinas terapêuticas, visitas domiciliares etc. O que importava não era tanto de onde, por que ou por qual via o encontro acontecia. Mas os *comos*, perceber as trocas, as construções, as composições, os efeitos.

Acreditava, mesmo que às vezes sem saber e outras sem declarar (por prudência), que esse tipo de saber produzido com e nessas experiências era tão ou mais importante e duradouro que o conhecimento formal, instrumental, da sala de aula. Creio que porventura já fosse sabido por mim, de algum modo, que o saber que eu mais queria e almejava era o que Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 26) chama de “saber da experiência”, um tipo de saber que só se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. Saber como uma composição infundável de temperos, ervas e sabores – como os da cozinha.

⁴ Para Deleuze e Guattari (1997), o conceito de devir nos desperta para a multiplicidade em oposição a prisão de uma identidade fixa, baseada numa estrutura que molda uma personalidade imposta. O devir nos abre para ser outras, a fim de criar novos territórios e habitá-los.

Uma salada de afetos e letras, pitadas de arrepios e erros. Misturas de letramento com suor, chope, sustos, risadas...

Após a conclusão do curso busquei uma vivência academicamente despretensiosa no exterior. Gostava das possibilidades dos idiomas, as impossibilidades de encaixes das traduções, ficava entusiasmada com os diferentes modos de se dizer e comunicar, as mudanças dos sons e das palavras. Queria aprimorar o meu inglês e também ter a possibilidade de dar aulas do idioma como uma fonte de renda. Pude, neste período, refletir muito acerca as relações de poder e resistência quando se é mulher, vivendo hoje. Mesmo que ainda não conhecesse tais termos ou mesmo houvesse lido Foucault.

Voltei ao Brasil e em meio aos recomeços após esse retorno, conclui uma especialização em Psicopatologia Clínica, iniciei uma prática clínica em consultório e trabalhei por alguns anos como professora de inglês. Foi uma fase rica em escrita e em pensamentos dos sentidos das palavras, da própria escrita e dos potenciais modos de se inventar com os idiomas, os linguajares, os estilos...

Em meio a estes contextos em que a vida estava razoavelmente organizada, seguindo um caminho mais ou menos previsível, tomei a decisão de me mudar da minha cidade natal para Vitória no Espírito Santo. E o motivo era amor, esse danado. Com coragem, me despi da minha sala (consultório), da minha casa, das minhas paisagens: do meu mesmo. Trouxe meus móveis – ilusão de que funcionariam como barco! Foi aí que algo aconteceu: livre dessas vestimentas, vi-me muito embrulhada com roupas que desconhecia ter e ao mesmo tempo, despida. À flor da pele⁵, no limiar de algo ainda desconhecido, passei a ver as coisas e pessoas e movimentos, todos com esse olhar novo, de mulher construída, criada, tornada – lembrando a famosa frase de Simone de Beauvoir (2009) de que não se nasce mulher, mas torna-se. Minhas pouquíssimas

5 Leila Domingues Machado (2010), denomina à flor da pele os processos que movem configurações subjetivas. Subjetivações à flor da pele encontram-se num limiar, num entre-formas onde certa configuração subjetiva se desfez sem que outra tenha surgido. Tudo estremece, nada permanece no lugar. “As certezas ruíram e todo um campo problemático surgiu”. (p. 19).

certezas ruíram e nunca havia sido tão difícil para mim ser e me ver mulher, criada, construída neste e por este mundo.

Pensava que eu não estava sozinha, que muitas mulheres existiam e passavam pelos desafios que eu estava passando. Tentava, a todo tempo, construir uma vida conjugal que criasse possibilidades de maior equidade entre mim e meu companheiro. Afoita, ansiosa, um pouco ressentida. Ao mesmo tempo em que estava contente por estar morando junto com a pessoa que eu havia escolhido. Por ter uma casa, uma nova vida. Mas não estava confortável.

Faltavam-me palavras e uma distração me trazia de volta aos hábitos e às naturalizações que eu sentia que me feriam. Normas que cresci acreditando e vendo serem criadas e recriadas. Ideias de normalidade que percebi encarnadas também em mim. Repetir discursos rotineiros sobre o que se trata ser mulher tem seus confortos, mas, em meio a tantas coisas, isso além de não estar me alentando àquela fase, me insatisfazia e também me lesionava. Feria, de algum modo, a minha própria existência. Sentindo-me meio sem opções, “sem ter pra onde correr”, fui me aproximando da coceira, dos fragmentos, do fugidio, do duvidoso, esforçando-me para não me anestesiarmos ou tentar apaziguar, rematar, apreender, concluir, dar sentidos previamente.

Na angústia, estremecida, busquei algo e o que consegui foi uma vibração – que trazia, com a mesma intensidade, temores e excitação. Isso me ajudou a sair da sensação de solidão e a produzir encontros e a realizar leituras diferentes das que eram habituais para mim. Numa tentativa de dar cores e sentidos. Inquieta e num movimento de indagação intenso, fui tragada por palavras, descobri a cartografia⁶.

Bondía (2002) fala sobre sua convicção de que as palavras produzem sentidos, criam realidade e podem funcionar como potentes mecanismos de subjetivação. E eu concordo. As palavras fazem coisas conosco, nos ajudam

⁶ “Para os geógrafos, a cartografia - diferentemente do mapa, representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. ” (ROLNIK, 2014, p. 23). Para Rolnik (2014), toda cartografia se faz ao mesmo tempo em que afetos são visitados ou revisitados.

a dar sentido ao que somos e ao que nos acontece... e foi assim quando me embrenhei nas palavras dos textos com os quais fui me envolvendo.

A descoberta desse tema e de alguns autores trouxeram-me um encantamento imediato. Mesmo ainda não compreendendo muito bem o que era aquilo eu me descobri meio cartógrafo⁷.

Eu me apaixonei pelo conceito de corpo vibrátil⁸ (ROLNIK, 2014). Tenho predileção por sentir junto dos corpos, especialmente os que também se permitem o *vibramento*, as temperaturas, os correrres da vida, as desinquietações. Eu estava diferente e tudo bem, porque com indiferença é que não se pode escrever nada (BEAUVOIR, 2009).

O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem. (ROSA, 2006, p. 448)

As vibrações vinham com *desinquiétudes*, tiravam-me do lugar. Pediam coragem.

“Todo ser humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido em palavra” (BONDÍA, 2002, p. 21). Tinha muita palavra presa, e elas e a escrita se impuseram: pus-me a escrever.

Com tudo isso, é possível perceber que foram vários os atravessamentos que me influenciaram a devanear um trabalho com mulheres, que envolvem a escrita de vidas, cujo enfoque passa pelas normalizações e normatizações que atravessam ser mulher hoje em dia. Tentativas de exercícios de poder. Um trabalho que se propõe falar da/na singularidade, da vida. Que inclui as relações de forças. Que resiste.

⁷ O cartógrafo dá língua para afetos que pedem passagem, “dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago.” (ROLNIK, 2014, p. 23).

⁸ Corpo vibrátil, uma segunda capacidade de nossos órgãos dos sentidos em seu conjunto, não separa o corpo do mundo; o outro como uma presença que se integra à nossa textura sensível, tornando-se parte de nós. Um corpo – vibrátil, – que é tocado pelo invisível; que afeta e é afetado; que aciona movimentos, movimentos que geram efeitos; corpos tomados por mistura de afetos. (ROLNIK, 2014, p. 12).

O tema do projeto estava relacionado a isso: às inquietudes, às feridas, às alegrias também..., à questão de como estamos existindo hoje enquanto mulheres. Aos *comos*, muito mais do que aos *porques*. E, ao longo das escritas das histórias, outra questão foi surgindo: mais cortante e aguda. Como essas mulheres com quem tivemos contato para a feitura do trabalho lidam com o atrito? Como elas vivem suas vidas sendo atravessadas a todo o tempo pelo poder, por relações de forças e por resistências?

Ao longo dos meses de mestrado, das aulas, grupos, orientações e encontros variados, fui tomando gosto e acreditando ser cada vez mais valioso se criar com isso: com o que coça, o que escapa, os escorregões. Fui aprendendo o quanto os processos da pesquisa são realizados em coletivo, a muitas mãos, sempre em plural, contaminados por um universo de invisibilidades extremamente reais.

Com isso em mente, embora até aqui eu tenha precisado trazer questões me utilizando do pronome pessoal eu, no singular, tentarei me empenhar e passar e me utilizar do plural nós. Pois, embora eu almeje e busque não distinguir sujeito-objeto, pesquisadora/escritora-leitora, indivíduo-mundo, somos o tempo todo contaminados e tragados por ondas de individualismo e binarismo que nos faz cindir e retornar às naturalizações.

Cativados por estas possibilidades, fomos percebendo ser possível praticar tipos de escritas outras. Exercitar o desapego às formas prontas, flertar com as incertezas e não desmoronar, aceitar as imprevisibilidades que atuam na vida e também na escrita. E a redação foi tomando corpo, contornos...

Vislumbrando viabilidades e inspirados por Kastrup (2008, p. 466) que afirma que a pesquisa se faz num “espaço do meio”, resolvemos então propor uma escrita de vida que transitasse pelos meios experienciados ao longo do percurso da pesquisa. Que fosse algo entre biografemas e narrativas, mas não exatamente nenhuma delas. Uma invenção. Então nasceram as histórias que batizamos de *escritações*: algo que foi se apropriando dos encontros ao longo dos caminhos.

Escritas que surgiram a partir dos restos e cacos que foram ficando de contatos com mulheres. Contatos que aconteceram não só durante o período do

mestrado, mas também em encontros propositais com amigas, pacientes, colegas, companheiras de trabalho, grupos diversos de internet, grupos de estudo e bate papo. Observações de mulheres nas ruas, nos espaços públicos, shoppings, pontos de ônibus, hospitais; mas também em filmes, seriados, propagandas de televisão e em notícias de jornais.

Fragmentos que foram deixando rastros, produziram marquinhos, fizeram registros, e que puderam ser matéria prima para escritas de vida que tivessem a ver com o tema de, em meio a contextos variados, resistir e existir mulher, hoje.

Embora as *escritações* não se refiram a qualquer mulher especificamente, não tenham pretensão de descrever uma vida estritamente, a ideia é de que algumas mulheres talvez possam se ver nas histórias. Também cabe ressaltar que não almejamos ser generalistas e dizer que falamos de todas as mulheres ou de todo um grupo delas. Reafirmamos as multiplicidades de ser mulher na contemporaneidade, suas singularidades, suas vozes – mesmo que nem todas compareçam aqui. A multiplicidade mulher não cabe nesta pesquisa. Somos tantas que não cabemos numa pesquisa. Aqui elas não têm nomes, o que as deixa livres para serem todas ou nenhuma e, até para que a batizemos com nosso próprio nome.

Até este ponto da pesquisa não sabíamos quais seriam as *escritações* que nasceriam, como as nomearíamos, o que elas nos evocariam. Ainda faltava muito. No entanto, já sabíamos qual questionamento movia a pesquisa e funcionava como inspiração para a escrita: como *estas* mulheres que estamos vendo lidam com os jogos de força impostos pelas relações de poder e resistências em suas vidas.

A mulher nua

Subamos!
 Subamos acima
 Subamos além, subamos
 Acima do além, subamos!
 Com a posse física dos braços
 Inelutavelmente galgaremos
 O grande mar de estrelas
 Através de milênios de luz.

Subamos!
 Como dois atletas
 O rosto petrificado
 No pálido sorriso do esforço
 Subamos acima
 Com a posse física dos braços
 E os músculos desmesurados
 Na calma convulsa da ascensão.

Oh, acima
 Mais longe que tudo
 Além, mais longe que acima do além!
 Como dois acrobatas
 Subamos, lentíssimos
 Lá onde o infinito
 De tão infinito
 Nem mais nome tem
 Subamos!

Tensos
 Pela corda luminosa
 Que pende invisível
 E cujos nós são astros
 Queimando nas mãos
 Subamos à tona
 Do grande mar de estrelas
 Onde dorme a noite
 Subamos!

Tu e eu, herméticos
 As nádegas duras
 A carótida nodosa
 Na fibra do pescoço
 Os pés agudos em ponta.

Como no espasmo.

E quando
 Lá, acima
 Além, mais longe que acima do além
 Adiante do véu de Betelgeuse
 Depois do país de Altair
 Sobre o cérebro de Deus

Num último impulso

Libertados do espírito
Despojados da carne
Nós nos possuiremos.

E morreremos
Morreremos alto, imensamente
Imensamente alto

Vinícius de Moraes⁹

Ela conversava normalmente. Ninguém desconfiava de nada. Fazia piadas, participava da roda e geralmente ocupava nela um lugar de privilégio. Era naturalmente engraçada. E sagaz, espirituosa, astuta até. Inevitavelmente impelia quem estivesse por ali por perto a se aproximar. Falava alto e só às vezes percebia. Nem se importava. Achava que não tinha problema, não cogitava estar incomodando. Ela bebia e também quem estava com ela. E parece que o álcool abria um compartimento em si que liberava uma inteligência extra. Ela já era inteligente.

* * *

Ela parecia acessível, dizia coisas sobre sua vida de modo desinibido, claro. Demonstrava quando não tinha pronto algo a dizer, mas ia pensando alto e assim acabava por sempre incluir o outro em seus processos. Mas ela não se disponibilizava sempre, dizia ter seus limites. Via de regra não gostava de falar ao telefone e acontecia de o ver tocando e não atender de propósito. Cansada. Também não retornava com frequência. Algumas pessoas contavam com ela. Com suas falas, suas análises de coisas da vida, suas risadas ou mesmo seu olhar... para que pudessem existir melhor. E embora ela tivesse esse jeito, não se afastavam, as pessoas. Como quando vamos naquele médico que é bom demais e mesmo esperando horas pelo atendimento sempre voltamos e acabamos sendo gentis com ele.

* * *

Nos últimos anos ela tem chorado fácil. E ela nunca mesmo chorava quando era mais nova... e até há pouco tempo, na verdade! Mas é engraçado porque por vezes ela chora e ri ao mesmo tempo... é doído e profundo, mas meio

⁹ Moraes (2017, p. 26-27).

cômico também. Já vi de terem rido junto quando isso acontece. Ela não se ofende. Chorar junto é mais fácil, parece. Porque ela se emociona com o olho e com o corpo e daí seu cabelo fica emocionado também e é tão convidativo participar do que quer que seja junto com ela! O próprio choro vira um convite...

* * *

Um dia, displicentemente, no meio de um assunto qualquer, ela contou que estava com o coração partido. Deu pra perceber certinho que aquilo não era pra ter saído daquela forma. Parece que foi como ter visto a noiva antes da hora. Aquela, para ela, era uma realidade tão certa, tão absoluta e inabalável que por mais que tivesse feito menção a dar continuidade ao outro assunto, não pôde. Sentiu-se pega de surpresa ao se ouvir dizendo em voz alta aquilo que tanto já sabia do lado de dentro. E daí repetiu, mais de uma vez, parecendo ter gostado do som da sua voz: Estou com o coração partido, com-o-coração par-ti-do... “E um coração partido é um coração partido”. E chorou sem perceber. Depois riu. Sem parar de chorar ou de falar.

* * *

Ela foi pega de surpresa por si mesma, mas – típico dela, não se acanhou e continuou falando. Disse que, nesse momento, não se importava com as palavras, até gostava de dizê-las e brincar de tentar encaixá-las (sem sucesso, mas sempre com a sensação do quase) em seus espaços; mas explicou brevemente que o sentimento sempre se sobreporia a elas. (...) Depois de parecer estar pensando (mas acho que estava sentindo), falou que não havia muito o que dizer e ficou alguns segundos em silêncio.

* * *

Depois e apesar disso, parecendo renovada por ouvir sua verdade ecoada do lado de fora de si, foi calmamente se trazendo.... Ainda sutilmente frustrada por haver perdido a fio da meada do outro assunto (talvez porque sua cabeça não dava trégua e seu pensamento tinha uma média de velocidade bem acima da média), mesmo que naquela hora ele já parecesse um pouco desimportante. Contou ter tido um encontro e que como a maioria das coisas em sua vida, o havia organizado dentro da sua cabeça. Mas... não prevendo

um adversário a sua altura, também não contou que pudesse ser interrompida na sua performance. E foi justamente isso que o homem fez.

* * *

Acostumada à liderança, sentiu ódio, raiva, vergonha, fragilidade. Sentiu-se nua e estava mesmo, mas percebeu que nunca daquela forma. Nua, insistiu, porque achou que pudesse ser um engano e caso fosse, talvez assim pudesse perdoá-lo pela interrupção. No meio da sua insistência foi quando o outro novamente a impediu e dessa vez, bastante amável e também um pouco aborrecido, disse: “O que fizeram com você, menina? ”.

* * *

Vergonha, ódio, raiva, fragilidade. Quem ele pensa que é para entrar na minha casa chutando todas as portas e escancarando o que eu, tão cuidadosamente, tento esconder? Vergonha, ódio, raiva, fragilidade, excitação. Sentiu-se nua, e se deu conta muito rápida e intensamente que pela primeira vez. Nua. O outro me olhou e pôde me ver. Vergonha, ódio, raiva, admiração. Sua cabeça perdia potência a cada segundo daquela cena; e seu corpo, também a cada segundo, ficava mais e mais convocado, presente e admitido. Não compreendia e isso também era uma novidade. Assustada, obedeceu. Parada, nua, fisgada, decidiu que valia a pena ver aonde aquilo os levaria.

* * *

Depois de uma pausa, um trago e muitos olhares, ela disse que isso aconteceu há mais de um ano e numa época tão, tão importante! ... Mas que recentemente parou de vê-lo. Chorou devagarzinho e falou sorrindo que nesse tempo ela conseguiu acessar coisas em si que há muito tempo queria. Um pouco abismada, absorta por lembranças e agora sem olhar para mim, diz: “Vem uma pessoa e algo acontece que de alguma forma te ajuda, te viabiliza... E de repente você não é mais a mesma e nunca se sentiu mais legítima. ” Foi assim. Ela supõe que não conseguiria sem o afeto dele. Sua loucura e entorpecimento.

* * *

Ela achava que já tinha aberto as portas da sua casa e se empenhava em transformar todos os espaços/repartimentos em morada. Mantê-los agradáveis e razoavelmente organizados. Mas na transa com ele, e na transa consigo que faz quando está com ele, encontrou outra porta. Ao abri-la descobre um cômodo. Decora-o, convida o sol para entrar e põe flores nos jarros. Acha lindo e sente orgulho! Mas aí, sensível, se dá conta de que precisa se despedir do homem como naturalmente precisa se despedir das flores quando elas murcham. Grata. É lindo descobrir um lugar tão bonito e não estar sozinha lá dentro, mas é mais lindo perceber que ele é seu.

* * *

Descobre, corajosamente, que ali pôde fazer uma parceria para levar consigo na vida – mas que não era parceria de vida. Entrega os pontos já sem desespero, e mesmo se achando um pouco ridícula, agradece o gozo e o desejo, agradece a foda, a paciência. Ele ri como quem ri de um bichinho. Mas ela sabe da entrega, da nudez descoberta, do refém nela recém libertado. Ela sabe, sobretudo, que segue nua e que a nudez agora é prazer. Ela segue nua, sem medo, sem dentes, sem culpa.

2 NÃO HÁ MODO DE PREPARO PARA ESCREVER VIDAS

Então escrever é o modo de quem tem a palavrar como isca; a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a.
O que salva então é escrever distraidamente.

Clarice Lispector¹⁰

Conforme os encontros mordiam as iscas, algo ia nos entalando, ocupando espaços, inchando: tínhamos que criar um modo de escapar do empanzinamento. As histórias ainda não estavam em andamento, mas os vestígios se acumulavam. Suco gástrico¹¹ em plena secreção e atuação.

Uma conversa com uma mulher em um determinado contexto nos causava emoções e impressões variadas. Outro encontro, outras percepções e pensamentos. Caminhando na rua, algo nos chamava atenção: uma mulher, uma cena, um grito. Outro dia, outra mulher: um relato. Alguns meses antes, ou depois: um seriado, baseado em fatos mais que reais. Depois, sem qualquer pretensão, no feriado: ouvimos histórias.... Coisas foram compartilhadas. Músicas. Outros encontros, outras histórias. Mais conversas. Mulheres. E lemos os jornais. E entramos nas mídias sociais. Participamos de grupos de aplicativos de conversa no celular. Estávamos cercadas, porque a esta altura, já percebíamos que algo havia ali e não havia mais como não perceber.

Encontros que funcionaram como gatilhos disparadores para as histórias, e que portavam algo em comum. Conflitos, confrontos, forças, fricções. As mulheres não estavam à mercê, elas estavam em movimento. Uma comunidade, se mexendo, dentro de nós.

Histórias. Fragmentos de histórias. Trechos que preenchíamos, com outros trechos, de outras histórias. E foi assim que não mais cabendo, elas precisaram virar algo. O caderninho de anotações não era mais suficiente, o registro mnemônico desorganizado da nossa cabeça já não comportava mais.

¹⁰ Lispector (1987, p. 95).

¹¹ O suco gástrico é produzido no estômago e participa do processo de digestão, ajudando a decompor os alimentos.

Elas, as mulheres, as histórias, já estavam prontas para ganharem seus próprios títulos. A primeira *escritação* surgiu assim, distraidamente.

Utilizando de conceitos trabalhados por Roland Barthes e Walter Benjamin, nos motivamos para criar uma escrita que nos auxiliasse a organizar algumas impressões que já tínhamos. As mulheres inspirações eram muitas, e diversas, e heterogêneas. O que as ligava e de algum modo, as conectava, não era as suas origens, ou suas idades, ou suas religiões. Tampouco alguma patologia, ou status social. Sequer algo relacionado às suas aparências, orientações sexuais, estados civis ou mesmo nacionalidades. As mulheres com as quais tivemos contato para a pesquisa estavam conectadas pelo fato de estarem todas, de algum modo, inseridas em atritos de força inerentes ao fato de serem mulheres.

E percebemos que as *escritações* (mesmo que ainda não as chamássemos por este nome) nos ajudavam de uma forma que consideramos honesta e bonita, a acomodar e, de algum modo, visualizar os exercícios de poder e resistência acontecendo.

Vamos, por partes, entender sobre as influências exercidas por ideias e autores para que a escrita acontecesse. Primeiro veremos Barthes, em seguida Benjamin e depois, um pouco sobre experiência - pois entendemos que a pesquisa só foi possível por termos nos permitido e nos tornado permeáveis a ela.

Precisa falar, me escute. Ou... Veja tantas mulheres!

Por que cresceste,
 curuminha Assim
 depressa, e
 estabanada Saíste
 maquiada
 Dentro do meu vestido
 Se fosse permitido
 Eu revertia o tempo
 Para viver a tempo
 De poder
 Te ver as pernas
 bambas, curuminha
 Batendo com a moleira
 Te emporcalhando
 inteira
 E eu te negar meu colo
 Recuperar as noites,
 curuminha
 Que atravessasse em
 claro Ignorar teu choro
 E só cuidar de mim
 Deixar-te arder em
 febre, curuminha
 Cinquenta graus,
 tossir, bater o queixo
 Vestir-te com desleixo
 Tratar uma ama-seca
 Quebrar tua boneca,
 curuminha Raspar os
 teus cabelos
 E ir te exibindo pelos
 Botequins
 Tornar azeite o leite
 Do peito que mirraste
 No chão que
 engatinhaste, salpicar
 Mil cacos de vidro
 Pelo cordão perdido
 Te recolher pra sempre
 À escuridão do ventre,
 curuminha
 De onde não deverias
 Nunca ter saído

Chico Buarque¹²

12 Buarque (1979).

Depois de um bom tempo sentindo-se segura, ela se abala. Está sentindo coisas que não gostaria. Fala sobre uma viagem recente à casa da mãe. Casa onde cresceu e foi criada. Casa onde o pai, também já bem velhinho, ainda reside e demanda. Esqueceu-se, por um tempo, enquanto estava lá, do relativamente recente falecimento dessa mãe. Surpreende-se. Volta para casa e sente todo o peso dos anos da infância, da adolescência e até de uma parte da vida adulta – especialmente o tempo em que voltou a viver lá, depois de muitos pedidos, após a separação. Sente-se menina. Voltam a fragilidade e a desesperança experienciadas há tão pouco tempo, momentaneamente. Após suspiros e muitas hesitações na fala, conclui que tem medo e fica nele.

* * *

Quando ela chegou, chegou em câmera lenta. Foi entrando, mas só depois do convite, meio vampira. Estava ali por obediência. Era obediente. Disse que precisava chorar, mas não chorava. Não conseguiu naquele dia, mesmo que seu corpo todo tentasse ajudar com movimentos de ombro e bochechas. Disse que precisava fazer algo, que tinha coisas a dizer, mas tudo saía partido, quebrado, culpado. Olhava picado. Ficava parada. Desvios. Sombras. Lamúrias. Tudo vinha com tanto esforço que me canso um pouco de lembrar. Tantos movimentos interrompidos! Embora já tivesse parido, sentia-se seca e estéril: Virei filha da minha filha...

* * *

Recorda-se da ideia que costumava ter de si. Ativa, ágil, produtiva, útil. Esperta. Cheia de papéis. Criou filhos e engoliu sapos, choros e gritos. Vários. Cobranças pra todo lado. Mas ali flutuava; não estava certa nem de como se sentar. Simplesmente não sabia. Desculpava-se sem ao menos entender o porquê. Força do hábito. Começava frases e não concluía. Tudo reticências. Tudo ressentia... Mas, talvez ela estivesse entrando no campo das incertezas... E, apesar da dor, isso poderia ser bom. Havia, então, um papel que não podia atuar (!). Cansada de atuações. E havia ali a possibilidade de rasurar algo que a ajudasse a escapar da repetição. Papel. Sentia-se embrulhada, capturada. Mas estava habitando um espaço novo. Depressão. Excitação. Estou perdida, me disse. Assim a conheci.

* * *

Lembra-se do pai. Pai gigante e que continuava a crescer e a ocupar espaços a cada descoberta, movimento e entonação. Aquele senhorzinho de hoje ia sendo descrito como um Homem “forte”, provedor. Chefe da Família. Absoluto. Inabalável e feito de ferro. Vigas de ordens e expectativas. Existe um certo e existe um errado e é ele quem sabe e dita. Não há possibilidade de existência desejante. “Mulher tem que” era sempre a ordem do dia. Ainda mais filha minha. Ela, e também as irmãs, sapateavam e dançavam no tom da música que era tocada. Pelo pai. Conta que seu irmão caminhava tranquilamente, num ritmo próprio, construído, escolhendo os caminhos que pisava. Mas, ela, mulher... Mulher tem que se dar ao respeito. Respeito. Mulher. Filha. Minha.

* * *

Tinha um tempo. Uma época, um jeito. Tinha todo um modo de se fazer algumas coisas. Ela sabia. Não sabe como nem por quê, mas sabia. Foi aprendendo algumas coisas. Repetindo. Ela via a mãe. Repetia. Essa mãe Amélia, fraca e forte, impenetrável. Afeto inconstante. Leite azedo, mas leite. Havia um tempo, ela sabia. Era tempo de viver e de existir. Mas... apesar de sabê-lo, ela não fazia, não o via. Ele acontecia. E ela não se via à frente dele ou de tempo algum. Ela não se via a tempo. Ela não se via nunca. Ela não se via. O espelho era o outro. Eram reflexos.

* * *

Quando ela tentou se ver, meio que se viu casando com um homem/pai. Mas estava gerúndio e achava que não havia mais mesmo muito o que fazer (!). Tinha esperanças, afinal. Era assim. Marido. Esposo que decide, manda, desmanda. Faz, desfaz, acontece. Ela: casada; mulher. Mais que esposa, mulher. Mulher dele. Não podia olhar muito. Não dava. Sentia-se na obrigação de uma porção de coisas. Tolerava, trabalhava, perdoava, concordava, seguia seguia seguia, respondia, trabalhava, perdoava, paria, cuidava cuidava, trabalhava, cedia, fingia. Obedecia. Fazia contas. Dava conta. Por um tempo, relatava parcialmente o que acontecia. Não tinha dúvidas de que algumas coisas não podiam estar certas. Mas não tendo ouvidos, foi calando-se cada

vez mais. Não pedindo, não consentindo, não negando. E mesmo assim, assim mesmo, as coisas iam acontecendo. O tempo para e passa.

* * *

Com alguma frequência, a impressão era de que ela estava em pedaços. Carne viva. Pele e tudo foi ficando pelo caminho. Por vezes sem conseguir chorar e quase sem conseguir falar. Sentia-se filha da filha. E, aí que culpa sentia! Depressão. Vale. Buraco. Sem forças, sem argumentos. Parece ter se dado conta sem se dar conta que tanta história não podia ser barrada. Fluxo. Desejo máquina. Desejo de se existir de outras maneiras. Não poderia haver mais tantas barragens. Haja contenções! Rachadura. Houve um rompimento e ela precisava de um cúmplice. Uma pessoa, uma mulher (?). Coisas estavam escapando. Estórias, palavras, afetos, receios, pessoas, verdades, vontades. E tudo o que conseguia fazer era parar. Tentava segurar. Não cozinhava, não levantava, não cuidava, não caminhava, não seguia mais. Parou de fingir. Não se reconhecendo, se imaginou morrendo: Virei a filha da minha filha. Foi falando e quando pôde, contou: minha mãe está doente, muito doente. Eu não consigo viver a minha vida sem a vida da minha mãe. Acho que estou doente. Estou doente.

* * *

Ela viu a morte e se confundiu, achava que era a sua... Pensando um pouco agora, talvez não tenha se confundido. Pode ser mesmo que tenha sido a sua. Há um dito aí: Vou morrer. Algo em mim morre, está morrendo. Asfixia. Padecimento. Sentia e sabia sem saber. Sentia o sabor. E, de alguma forma, era meio convocada, meio impelida.

* * *

Ela se assusta ao perceber que não existem garantias neste mundo. Se assusta ao se perceber juntando as coisas da mãe, morta. Apavora-se quando se dá conta de que não tem mais sua mãe, viva. Vai dando um jeito de dar conta de ser mãe da filha de novo; mas, agora, de um outro jeito, mais seu, mais gentil... Foi despedindo-se de algumas ideias tão cuidadosamente nutridas. Olha pra trás, despede-se. Uma geração... Duas, três. Quatro: Serei

avó. Logo começou a catar folhas secas de alguns cômodos do seu coração. Acostumando-se à vertigem e aos vislumbres de potência.

* * *

Serei avó, ela disse. A forma como falou, senti quase como se ela estivesse naquele momento cuidando dos meus sentimentos. Cuidado, é novo. Embrião. Notícia, êxtase, crochê. Presente de aniversário adiantado, mais um ano. Esmagada por quatro gerações. Esmagada, precisava liberar espaços. Tinha muitos afetos na pauta. Deixando de ser filha, voltando a ser mãe, tinha que ser avó. Era muito. Quase não cabia. Quase não coube.

* * *

Por esses dias, fez visitas ao passado. Abriu armários, limpou gavetas, mudou móveis de lugar. Tentava varrer pra algum lugar os rastros da mãe. Era filha, era mulher, era mãe, era gente, era futura avó. Era seu aniversário. Foi para casa que foi sua casa. Viu as pessoas da cidade. Se organizou para, depois de algum tempo sem celebrações, comemorar sua vida. Convidou pessoas, lavou, comprou, fez. Pensou com carinho na roupa, no sapato. Colocou os afetos no canto para que houvesse espaço para a dança. Cozinhou e escolheu os temperos. Mas, desacostumada, não soube escolher muito bem os ritmos. Não importa.

2.1 AO PONTO COM O BIOGRAFEMA

A real razão continua inescrutável - a leitura nos dá prazer.
É um prazer complexo e um prazer difícil; varia de época para
época e de livro para livro.
Mas ele é suficiente.
Na verdade, o prazer é tão grande que não se pode ter dúvidas de
que sem ele o mundo seria um lugar muito diferente e muito inferior
ao que é.
Ler mudou, muda e continuará mudando o mundo.

Virginia Woolf¹³

Iniciamos esse tema contando que as maiores inspirações que tivemos neste ponto foram possibilitadas por Roland Barthes. Nascido em 1915 na França, foi escritor, filósofo, sociólogo, semiólogo, crítico literário. Tal autor teceu a noção de biografema, uma escrita de vida um tanto diferente das biografias mais frequentemente encontradas. Barthes não alcança uma definição para o conceito de biografema em um golpe só, pelo contrário, ele vai esboçando-a ao longo de sua obra. Sendo assim, também não tentaremos esta proeza, iremos trazer apenas noções do método biografemático e de escritura no decorrer do nosso texto.

Quando pensamos em modelos mais tradicionais de escritas de vida, é comum pensarmos em totalidade, num texto que reconstitui trajetórias e caminhos. Não raro encontramos escritas de vida, biografias que tentam buscar na vida da pessoa algo relacionado às verdades singulares, essências. A escrita biografemática, neste ponto, seria uma produção subversiva. Aberta às multiplicidades, às criações, não se propõe retratar vidas de forma totalizante e nem pretende dar conta de qualquer completude. Pelo contrário, seria uma ferramenta para a construção e sendo assim, licencia-se para trabalhar e inspirar-se com e a partir de dispersões, detalhes, traços, eventos e fatos fragmentados. Geralmente as grandes biografias deixam certos detalhes para trás, em nome de uma cronologia, de um enfoque específico aspirado, de uma coerência. Aqui faremos paragens e daremos importância àquilo que poderia ser considerado desimportante, que ficaria de fora, silenciado. Barthes defende

¹³ Woolf (2015, p. 22).

que a escritura faz do saber uma festa e a compara com “projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores” (BARTHES, 2013, p. 21). Com isso, pode promover escritas de vida que escapam, que não teriam grandes compromissos ou preocupações com a plenitude do que é trazido no texto.

Biografema também como traços disparadores de uma escrita que teria sua ênfase nos procedimentos da própria escrita: no fazer, no criar; uma escrita que teria valor por si própria e não somente por seus conteúdos – mesmo que hajam conteúdos envolvidos.

Barthes (2013), usa parte de sua aula inaugural como professor titular do *Collège de France*, em 1977, para falar de literatura. No entanto, ele explica entender essa literatura a que ele se refere, não como um “corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever” (p. 17). Assim, ele informa que não diferenciaria, durante a aula, literatura de escritura. Ao longo da aula, ele tece elogios a esta literatura e diz que ela assume vários saberes. Ele brinca que, se por algum motivo, todas as disciplinas exceto uma devessem ser expulsas do ensino, aquela a ser salva deveria ser a literatura. E afirma que ela faz girar estes saberes e que sempre assume saber “de alguma coisa” e não “alguma coisa”. Ou seja, refletimos que seria uma espécie de saber menos arrogante e, que de certo modo, assumo que saber de algo das coisas não implica necessariamente em saber tudo sobre elas.

Ao ler tal texto, imaginamos estar presentes nesta aula inaugural e ensaiamos e aspiramos também inaugurar nosso texto com essa postura: pressupondo sabermos de algumas coisas de algumas coisas – e só. Além disso, apetece um tipo de saber que compartilha, em sua etimologia, dos sentidos também carregados pela palavra sabor¹⁴. Logo, um saber que tenha sabor, gosto. Do mesmo modo que a criancinha conhece o mundo. Quem sabe podemos pensar em até tentar comê-lo? Assim tornando-o nosso, parte de

14 A palavra saber, segundo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, vem do latim *sapere*, que significa “ter gosto; exalar um cheiro, um odor; perceber pelo sentido do gosto”; “ter inteligência, juízo; conhecer alguma coisa, conhecer, compreender”. A palavra sabor, segundo o mesmo dicionário, deriva do latim *sapere*, que quer dizer “gosto, o sabor característico de uma coisa”, “coisas de bom gosto; odor, perfume; gosto, ação de provar” (MACHADO, 1977).

quem somos. Mas não nos enganemos, os sabores são segredos, sempre comunicáveis e muito peculiares. Como descrever o gosto de uma fruta?¹⁵

Com intuito de ir discriminando e evitar possíveis confusões, optamos em chamar o texto aqui, neste momento, de escritura e os caminhos relacionados ao tipo de texto proposto de biografema, ou método biografemático.

Sobre esse tema, Sandra Mara Corazza (2010), em seu texto Introdução ao Método Biografemático, cria parágrafos em formato de artigos, aquele aos modos das leis jurídicas, que elucidam questões relacionadas ao assunto. Primeiramente ela explica que método será entendido como “uma via”, “uma direção”, e não como uma doutrina ou um “aspecto formal” (p. 85); nada parecido com imposições ou relacionado a um modo de se fazer superior. Depois, usando suas palavras e as de Barthes, discorre que este modo de se caminhar não pode ser determinado *a priori*, que ele vai se fazendo na medida em que se anda, a cada passo, e que é um percurso de conhecimento que se estabelece como criação e não como descoberta. Talvez até em razão disso, entende-se que se algum saber é produzido, este nada mais é do que “uma perspectiva entre outras e não, ao estilo metafísico, o conhecimento único e eterno sobre a realidade” (p. 85-86); não sendo algo para se descobrir ou para se investigar fatos, não visando “produzir deciframentos ou apresentar resultados” (p. 90).

Ela ainda assinala alguns cuidados a serem tomados quando se pretende escrever – especialmente escrever vidas; pois, segundo ela, há sempre uma sedução, um risco de, através da escrita, acabar por se estabelecer “conexões lineares, causais, morais, psicologistas” (p. 93). Há uma espécie de apelo para

¹⁵ Adicionando uma pitada de curiosidade, nos estudos sobre a consciência nas Neurociências isso é chamado de *qualia*. Um termo que fala sobre as qualidades subjetivas das experiências mentais conscientes. Por exemplo, a vermelhidão do vermelho, ou o doloroso da dor. Assim, para a neurociência, as experiências sensoriais seriam não cognoscíveis na ausência da sua própria experiência direta. Deste modo, comunicáveis. “O conceito é conhecido nos estudos da filosofia da mente como aspecto qualitativo das experiências humanas. Trata-se de um termo recuperado por Clarence Irving Lewis [...]. Em termos gerais e filosóficos, os *qualia* se referem ao conhecimento adquirido pela experiência. [...] Os *qualia* estão associados à fenomenologia das cores, sons, sabores, aromas e sensações táteis que enriquecem nossas experiências. Como é experienciar cores, sons, músicas, odores diversos, sentir dores, ódios e amores?” (JORGE, 2007, p. 55-56).

que não estabeleçamos, a qualquer custo, um sentido de existência ou uma ilusão de coerência.

Seguindo esta linha de pensamento, recorremos a Bourdieu (1996), que em seu texto intitulado “A ilusão biográfica”, aponta para as dificuldades em se falar de uma vida – para nós, em escrevê-las. Ele sinaliza os riscos em acabar por referir-se a ela como um conjunto de eventos e fatos, um agrupamento que só diria respeito a uma existência individual. Além disso, aponta como o senso comum descreve a vida como um “caminho, uma estrada, uma carreira” (p. 193); ou um encaminhamento, como um “deslocamento linear, unidirecional, que tem um começo, etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade” (p. 193). Ele explica, que com essa concepção se pressuporia que a vida seria apreensível, capturável, tomada como unitária, organizada sempre segundo uma ordem cronológica e lógica. Percebe-se uma crítica às apresentações das vidas como um agrupado de cenas coerentes, harmônicas e orientadas para um fim, sempre com objetivos e propósitos. O autor então declara acreditar que produzir uma história de vida como um relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com engano, uma ilusão retórica.

Imaginamos que essa concepção de Bourdieu também corrobora com o que já havia sido trazido por Corazza (2010), uma vez que ele reflete sobre os perigos de adotar posturas muito preocupadas em dar sentido, extrair uma lógica, tornar razoável e coerente. Percebemos que ao longo de todo o seu texto, ele denota crer que a vida não é regida por essa lógica linear, pelo contrário: é escorregadia, contraditória, incapturável, inacessível, talvez descontínua e, por muitas vezes, escapa das coerências e das expectativas.

Compartimos da mesma opinião de Bourdieu em relação ao que é e ao que rege a vida. Entendemos a vida como algo mais, sempre. É mais do que uma sequência de ações e atividades, mais que existência, mais que um período compreendido entre nascimento e morte, mais que o conjunto de eventos relevantes. É sempre mais. Diante disso, o que temos, ou melhor, o que, de algum modo, conseguimos acessar, é sempre uma parte, uma fração. Assim, fomos seduzidos pelo método biografemático: ele nos autoriza e nos estimula a produzir com o traço, com os fragmentos.

Luciano Bedin da Costa (2011), em seu livro, editado a partir de sua tese de doutorado, *Biografema como estratégia biográfica: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller*; explica que não há fórmulas e que quem escreve esse tipo de escrita a que ele se refere – biografema – não são testemunhas, mas os próprios autores da escrita. Ou seja, *autores*, que são colocados numa posição não de meros espectadores, de pessoas que atestariam a veracidade de atos e fatos; mas de agentes da escrita, responsáveis pela sua criação, inventores. Ora, sendo assim, é compreensível que “a biografia calcada na biografemática cria (crie) sentidos outros sempre que o leitor toma para si a multiplicidade de signos dispersos que povoam o texto” (COSTA, 2011, p. 26).

Bom, imaginemos o leitor tomando sentidos para si e a partir deles sentindo, inventando, cultivando uma série de conteúdos, significações. Intuindo significâncias. Deste modo, o texto então não é acabado ou não estaria pronto, mas sempre em feitura, sempre em movimento e ganhando novas formas a cada leitura e a cada saber/sabor sentido por quem teria contato com ele. Um texto produtor, um leitor produtor. Isto posto, o entendimento de que “todo texto é um gesto coletivo, sendo escrito por várias mãos” fica mais palpável (BARTHES, 2004, p. 74).

Barthes (2013) fala de um tipo de escrita que inclui a sensualidade presente na linguagem, e nesse mesmo texto, entendemos que ele valoriza uma postura aberta a aprendizagem. Assim tentamos convidar sempre essa presença sensual da linguagem e esforçamo-nos para manter uma postura de aprendiz. Lembramo-nos da belíssima frase deste mesmo autor presente em seu livro *O prazer do texto* que diz: “O texto que o senhor escreve tem de me dar prova de que ele me deseja” (BARTHES, 2015, p. 11). Questionamo-nos se esse prazer do texto a que ele se refere não tem a ver também com esse gesto coletivo, essa espécie de coletividade. Pois ele, o prazer aqui proposto, não nos parece em nada um prazer *voyeur* de quem lê como um observador, sem relação e sempre em relativa distância.

Barthes fala de um leitor que suportaria ilogismos, infidelidades, contradições e que pudesse se entregar ao seu prazer. Pensando desta forma neste leitor, o imaginamos capaz de, ao ler as escrituras, se ver ali, e de perceber suas

próprias contradições e ilogismos e de se entregar e se envolver. Embora isso pareça simples, entendemos ser um exercício custoso, uma vez que somos costumeiramente levados a não nos deixar sermos tocados, a sermos cautelosos e mantermos reservas em nome da segurança, estabilidade, discrição.

Por isso, sonhamos com um leitor convocado, arrepiado, pensando em si e sentindo coisas a cada sentença, suspeitando que suas próprias tiras/fios de pele e pelo também tenham sido usados para a construção das letras. Mesmo que – quiçá por isso; esse prazer seja impuro e mesclado com dor e angústia, mas tangível.

Mais à frente, nesse mesmo texto, Barthes (2015) completa dizendo que a prova que o texto dá de seu desejo pelo leitor seria a própria escritura. Pois, segundo o mesmo, ela – a escritura – está relacionada à fruição. Algo que as pessoas poderiam tirar proveito, desfrutar, colher algum prazer. Ele fala de um estado sutil do discurso, um modo em que a exposição de fatos fosse desconstruída, mas que a história permanecesse legível. Discorre sobre fendas cujas margens seriam nítidas e tênues. Valoriza os interstícios. Refere-se à sedução das encenações de aparecimentos desaparecimentos e à eroticidade das intermitências... Como a “pele que cintila entre duas peças (as calças e a malha), entre duas bordas (a camisa entreaberta, a luva e a manga).” (BARTHES, 2015, p. 16).

Cessa o teu canto!
Cessa, que, enquanto
O ouvi, ouvia
Uma outra voz
Como que vindo
Nos interstícios
Do brando encanto
Com que o teu canto
Vinha até nós.

Ouvi-te e ouvi-a
No mesmo tempo
E diferentes
Juntas a cantar.
E a melodia
Que não havia,
Se agora a lembro,
Faz-me chorar.
[...] (PESSOA, 2009, p. 272-274)

Nos encantamos com os convites a ouvir os interstícios e a nos apresentarmos com corpo sensível, interessado e ativo. E, tendo sido ativados por essas novas possibilidades, nos aprontamos para seguir para a próxima porção deste trabalho.

Bela

Ela tinha uma espinha que não se dobrava. Era uma herança
genética (...)
Nem que quisesse, ela nem mesmo vergava.
Aquele espinha era como uma haste de adamantium enfiada em
seu corpo.
Determinada pela espinha, a vida para ela era vista numa
perspectiva da honra.
Em tempos relativistas, ela mantinha um arcabouço de valores
inarredáveis. (...)
A mulher preferia quebrar a dobrar.
Não se curvava. (...)
Ela sempre sabia. Isso é honrado, aquilo não é.
Fulano não tem caráter, sicrano tem. O céu é azul, pássaros voam,
homens têm pênis. (...)
Era moralmente confortável olhar o mundo da extremidade superior
de sua coluna vertebral.
Mas, ainda que não ousasse confessar, começara a sentir certo
desconforto na região das costas.
Era difícil, por exemplo, executar gestos simples (...)
Mas o que a chateava era não poder dançar. (...)

Eliane Brum¹⁶

Ela, em meio às falas que trazia, fez uma pausa apressada pra dizer: eu não aguento mais me desrespeitar. A descoberta de que o fazia pareceu vir com o peso e a intensidade do tempo que já havia passado. Mas também com o frescor que as repetições podem oferecer. Acostumada a não incomodar muito, logo se recompôs e começou a falar de assuntos mais “agradáveis”. Esquecendo-se de que assim se atropelava mais uma vez.

* * *

Não consigo me lembrar de já tê-la visto rindo, mas sei que ela sorri muito. Talvez sim.... Por que não me lembro? Definitivamente não me lembro do som de qualquer risada. Ela é recatada e de certo modo, delicada. Exceto quando reivindica. Ela costuma acreditar ter muito a receber do outro, mas é um tanto miserável consigo mesma. Parece contraditório, como quando se come muito e se vive desnutrida. Mas de algum modo ela faz isso graciosamente, até certo ponto. O que parece ter um custo, afinal de contas.

¹⁶ Brum (2009, acesso em 10 nov. 2018).

* * *

Ela é linda. Parece saber disso, mas com pouca convicção. Precisa de confirmações diversas. Sente-se insegura e dentro da sua rotina separa com cuidado o tempo para os reparos das suas imperfeições físicas. Tenta, repetidamente (e quase automaticamente) fazer parceria com homens, porque sem pensar muito, acredita mais neles. Das mulheres, parece ter medo. Compete. Rivaliza. Protege-se. Nomeia-as, por qualquer motivo, de recalcadas, invejosas, sem sal. Sabe ser mulher, mas nega ser uma dessas. Não perde o controle, não bebe demais, não é chata, usa roupas adequadas, é discreta e se dá, não goza. E se goza, não faz escândalo.

* * *

Sobre ser mulher, ela não sabe dizer muito. Defende-se – como se estivesse sendo atacada, dizendo que nunca tinha pensado muito nisso. Ao entrar na questão (parece ter se sentido impelida pela questão), reflete que muitas vezes se sente uma menininha que acabou de nascer. Fico imaginando que ser mulher pode apresentar-se como uma novidade. Surpreendo-me com o pensamento, mas ele parece não se surpreender com ela. Estranho.

* * *

Aliás, muitas coisas soam estranho para ela. Ela acha que existe um jeito certo de se fazer quase tudo. Andar, portar-se, relacionar-se com as pessoas e com as coisas, namorar. Ela acha que existe um jeito certo de sentir, inclusive. Essa lógica também funciona para o tempo. As coisas todas têm um tempo e um ritmo para acontecer, e é o dela. Não admite que nada disso escape. Só que não consegue se obedecer.

* * *

Olha para outras mulheres, observa. Adjetiva-as pelo que suspeita ou imagina, pelas lagunas que completa – pelo que deseja? Vadia, piriguete, vagabunda, fácil, que não se dá ao respeito. Não vê nada de estranho nisso. Diz não poder confiar muito em mulheres, elas são traiçoeiras, perigosas. Não teve boas experiências, justifica-se não abrindo mão da generalização.

* * *

Ela transou na primeira vez. Vadia. Ela ficou bêbada. Vadia. Ela beijou mais de um. Vadia. Ela pegou carona com estranhos. Ela chegou tarde. Pediu. Ela não aceitou ser rebaixada. Ela quis ser independente. Ela se negou a prestar contas. Atrevida. Ela protegeu sua intimidade. Ela impôs limites. Ela não considerou a opinião dele. Ela tem pais separados. Ela engravidou. Golpe da barriga. Ela abortou. Assassina. Ela resolveu viajar. Ela pediu o divórcio. Fracassada. Ela não aceitou o anel. Ela gosta de sexo anal. Puta. Ela não atendeu o telefone. Ela passou perfume. Ela não se conteve. Ela riu muito alto. Escandalosa. Ela foi naquele show. Ela não quis voltar. Ela aceitou o emprego. Ela pediu um beijo. Ela fez uma denúncia. Ela não parou de trabalhar. Egoísta. Ela não fez a janta. Ela esqueceu-se do aniversário. Ela não quis ser mãe. Egoísta. Ela usou muita maquiagem. Vulgar. Ela não gostou da cantada. Ela riu muito. Ela é muito gorda. Ela é muito magra. Ela tem pêlos. Ela falou palavrão. Ela quis ter parto normal. Estragada. Vai ter que dar o “ponto do marido”. Ela saiu do emprego para cuidar dos filhos. Submissa. Ela não foi às reuniões da escola. Desleixada. Ela gosta de mulher. Ela sabe que foi traída. Neurótica. Ela não riu das piadas dele. Ela não gozou. Frígida. Ela gozou. Puta. Ela não usa sutiã. Ela não quis transar. Ela não aceitou as regras. Ela usa decotes. Vadia manipuladora. Vadia. Vadia.

Histórica.

* * *

Ela parece toda desbordada. Não tem bordas porque escorre. Ou seria o contrário? Não se deixa aparecer aqui temendo se revelar ali. Daí deixa de respirar. Murcha a barriga e vai. Segura, no salto. Mas não... segura no salto e na maquiagem e na pranchinha a sua existência. Joga com alguns quereres encontrados na rua e guardados como se fossem seus. Se desconhece. Anda por aí, desapercibida de si. Sendo notada e registrada. Contornada pelo outro. Esforçando-se com os silêncios, repetindo falas conhecidas, mas escorrendo segredos.

* * *

Carrega a bolsa, o sorriso, o celular, os planos. Carrega dezenas de cômodos fechados, que ressoam por debaixo da porta o barulho do vento, demonstrando

que ali passa ar. Respira. Deve ter janelas, os quartos. Não quer saber. Vai. Acha que caminhar só é possível para frente. Segue, segue, segue e vive voltando. Revivendo. Ressentindo. Revisitando conscientemente e não, coisas que viveu e que não quer lembrar. Desavisada de que a vida é assim e de que está tudo bem. Não se conforma. Rejeita, diz não ser louca. Ela busca frenética e desenfreadamente a normalidade.

* * *

Ela se cansa. Com algum esforço chora de lágrimas. É lindo de ver. As lágrimas, ela as enxuga tão logo quanto tocam o início das bochechas. É uma pena... Mas nas brechas desses momentos, escapa a poesia dela. E ela tem tanta! Disso não sabe... sua profundidade não é mensurável, nem numérica, escapa das contabilidades e avaliações. Não sabe, mas suspeita. Será também por isso que não foge? Algo em si deve perceber que poesia é combustível e que tem fome.

* * *

Ela volta, repete não saber. Repete ter medo. Repete seus incômodos e falhas. Sempre culpada e sempre fazendo apontamentos de dedos. Respira. Por vezes, mais amena; em outras, cheia de paixão. Contudo, ela sabe, porque sente os gostos. Depois, enxuga o suor e me olha. Parece perceber que sou mulher. Sorri de um jeito simples, mas não discreto. Parece perceber.... É bonita. Somos.

2.2 NARRATIVA À MILANESA

Ela (a narrativa) mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador como a mão do oleiro na argila do vaso [...].

Walter Benjamin¹⁷

Um outro tanto de inspiração para os escritos deste trabalho foi obtida a partir de algumas ideias sobre narrativas e narração de Walter Benjamin. Autor alemão, judeu, teólogo, tem como parte da sua obra, escritos sobre teoria da história, mais especificamente, a escritura da história. Não nos adentraremos muito na história em si, no entanto tentaremos olhar com maior esmero para as porções dos seus textos em que ele trabalha sobre a escrita, sobre o que é contar uma história; sobre a narração.

Jeanne Maria Gagnebin (2013), referindo-se a este autor, fala que seu pensamento relacionado à escritura da história tem uma ligação com uma prática transformadora. Ela aborda uma questão que dizia ser importante a Benjamin e que para nós, aqui, além ser uma questão elementar também é a mais cara: “O que é contar uma história?” (p. 2). E adicionamos: O que é contar uma vida? E, a partir daí: O que é narrar? Como escrever vidas? Como escrever de vidas?

Procuramos pistas de escritas possíveis e que tivessem, de algum modo, em consonância com nossos encantamentos e demais leituras, e que pudessem enriquecer, dar corpo à nossa busca por uma escrita de vida para este trabalho.

Benjamin (1987) fala sobre a criação de narrativas e diz que o narrador, de vários modos, retira da experiência o que ele conta. Valoriza tanto a experiência relatada por outras pessoas quanto a do narrador. Diz que as narrativas incorporam as coisas narradas às experiências dos seus ouvintes e também o inverso: que as experiências narradas e vivenciadas também incorporam muito às narrativas. Haveria sempre uma integração em vez de segregações e hierarquizações, e nunca a ideia de um indivíduo isolado

¹⁷ Benjamin (1987, p. 205).

produzindo. À vista disso, não é complicado entender que as narrativas privilegiam a experiência compartilhada, coletiva.

Com essa ideia de coletividade trazida, pensamos neste tipo de escrita como uma via de mão dupla, produção longe de ser pura ou de interpretação única. Obra em que os fios que a compõem seriam feitos da experiência do narrador e de outros, além da própria experiência de quem ouve/lê. A narrativa ficaria muito mais horizontalizada e democrática; composição de pessoas, mãos, histórias, contextos, lembranças e afetos.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (BENJAMIM, 1987, p. 198)

Com Benjamim (1987), nossa escrita ganha o eco das histórias contadas nas calçadas, ou na beira das janelas. Ou nas cozinhas... Já não é mera informação. Ele nos lembra constantemente em sua obra da posição de privilégio ocupada pela experiência coletiva na criação e elaboração dos escritos.

Não nos interessa aqui adentrar no conceito de informação e nem trabalhar as concepções de narrativa em contraposição a esta outra possibilidade de escrita. Embora tenhamos claro esta intenção, acreditamos ser de alguma valia para o entendimento da narratividade, pontuar algumas diferenciações entre esta e a escrita voltada para a informação.

Benjamim afirma não submeter os fatos descritos às explicações, interpretações limitantes ou convenientes e nem à prova de verdades únicas e/ou pré-estabelecidas. O foco da narração não é explicar, comunicar, informar, atualizar ou ensinar. Diferentemente da informação, a narrativa não precisa ser plausível, não se preocupa com o “sentido da vida, com a moral da história”, seu fim não é rigoroso. Ela não se entrega, ela “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIM, 1987, p. 204).

O autor considera que grande parte da “arte narrativa” está em evitar explicações. E que, diversamente disso, a informação tem mais valor quanto mais nova é, e que ela “só vive no momento, precisa entregar-se inteiramente

a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa.” (BENJAMIM, 1987, p. 203).

É feita uma comparação do processo pelo qual a narrativa vem à luz a uma superposição de camadas finas e translúcidas, um “coroamento” de várias camadas que não teria um “fim” marcado. Assim, a narrativa não tem pressa, não precisa ser abreviada, não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados. O leitor é livre para interpretar a história como quiser. Desse modo o caso narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.

Quando pensamos brevemente nas informações, logo nos vem um caráter de notícia, algo pontual, dado, mensagens específicas, um tipo de conhecimento, começo, meio e fim. De maneira oposta, Benjamin descreve o narrador como alguém que tem memória breve, daí que a narrativa também seria feita de fatos difusos e sempre deixaria reminiscências.

Em outra parte do texto, este autor completa – lindamente! – que o narrador a que ele se refere, tem como sua matéria a vida humana e que estabelece com ela uma relação artesanal. Ele questiona em vários momentos, a objetividade neutra daquilo que se narra. É dito que os vestígios do narrador “estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata.” (BENJAMIM, 1987, p. 205).

Há, nesse conjunto, uma importância no fato da narrativa poder ser “vívda”. Lembramos da origem da palavra saber e nos comovemos com a possibilidade de conceber saberes que possam ter gostos, sabores; que possam ser sentidos, saboreados. Mais uma vez, quem sabe, convocando quem lê a uma experiência e com possibilidade de múltiplos sentidos.

Percebendo que a todo o tempo Benjamin faz referência à experiência e dá muita importância a ela no processo das construções das narrativas, buscamos uma complementação de ideias acerca este tema com Jorge Larrosa Bondía, na próxima seção do trabalho.

Sobre essa mulher. Ou... O que é isso, mulher!?

Baby não se assuste
 Hoje o tempo é de
 terror
 Nosso céu ainda chora
 Nos telhados da
 cidade
 E nossa amizade a
 tudo resiste

Baby nada existe
 Resguardando nossa
 vida duvido que me
 chamem
 Pra sentar naquela
 mesa
 E a grande família já
 não tão grande

Baby Baby baby Baby
 Baby Baby Baby Baby
 Baby baby Baby Baby

Baby não se assuste
 A cidade é iluminada
 E sob o nosso céu de
 chumbo As pessoas se
 disfarçam de carne e
 osso De velho e de
 moço

Baby Baby Baby Baby
 Baby Baby Baby Baby
 Baby Baby Baby Baby

Itamar Assumpção¹⁸

Ela sabia que tinha existido. Mas também sempre soube que sua existência não fazia muita diferença. Pensava, mesmo sem ter conhecido Agambem, que poderia estar viva e morrer assassinada pela polícia, poderia ter casa e a perder num incêndio ou enchente... Então vivia assim mesmo, sem se importar tanto. Pelo menos era o que pensava, pode ser que sentisse diferente. Tudo o que pensava ressoava, assobiava estórias. Mas não ali. Ela não se negava a confirmar nada, pelo contrário. Mas... ali, era uma mulher descaracterizada.

¹⁸ Assumpção (1980).

Sentia-se disfarçada, desfalcada, falseada. Conta que tem um nome e outro nome, assim nos conhecemos. Pede, muito sem exigir nada, que seja chamada pelo outro. O nome que dá é leve, americanizado, quase feliz por si só. A chamo assim, ela sorri. Devolvo igual. Diz estar bem, mas seu olho a contradiz.

* * *

Mexendo de forma displicente nos materiais disponíveis, na falta de algo melhor pra fazer, tudo em si recebe, passivamente. Mas não tinha problema. Como Macabéa¹⁹, estava habituada a se esquecer de si mesma. As pessoas ao redor estão inquietas, algumas por dentro e outras por fora. Ela, nada. Pensa que parecem banais, mas sabe que não são... E por isso, mantém uma curiosidade pacata, à espreita. Parece tranquila, mas há um alheamento suspeito. Talvez por isso, apesar de todas as probabilidades, ela chama atenção pra si. Sem saber, claro. Parece transmitir certo conforto para quem se aproxima e escolhe gastar seu tempo com ela. Quase como uma recompensa. Um pagamento pela futilidade. Guarda histórias sóbrias e sombrias. Por acaso seria isso que a faz inebriar-se?

* * *

Ela é pobre, desde que se entende por gente. Foi, é, nasceu assim, não importa! Isso não importa, até por que às vezes nem se entende gente. Fazia coisa demais, mais do que dava conta, achava que era assim. Era mulher. Mas não se importava com isso... Tinha suas diferenças. Sabia que não era igual. Não ficava pensando se tinha ou não que ser igual, até porque não pensava muito. Sua coisa era sentir. E ficar viva. Mas sempre que isso acontecia, tratava de buscar porções de morte. Pra isso, saía. Ficava ativa. Agia. Achava que era assim que tinha que viver, meio morrendo sempre que dava. Sempre que sentia demais, sempre que tinha memória, sempre que se lembrava. Mas não

¹⁹ Macabéa é personagem do livro de Clarice Lispector chamado “A hora da estrela”. A personagem, que é a protagonista da história, é uma nordestina, a quem Clarice chama de tola, do tipo que sorri para os outros na rua. Pobre, virgem, de corpo escasso, trabalhadora com um emprego banal, solitária, humilde, gostava de não pensar em nada e achava que tristeza era um luxo. Alguém que se defendia “da grande tentação de ser infeliz de uma vez e ter pena de si”. (LISPECTOR, 1998, p. 39).

se esquecia nunca. Ria, chorava, tratava de fazer o que tinha que ser feito. Quase que homenageando a desgraça pela vida que tem.

* * *

Quando alguma coisa do que ela era, ou não era, se destacava, logo percebia e tratava de repetir algum mantra social bastante aceitável. Quanto maior era o fora/deslize, maior era o clichê/chavão. Tudo ficava razoavelmente bem, mesmo porque, sendo dócil, não insistia em ser. Ficava sendo o que dava. Tentava ser o que convinha.

* * *

Dizendo assim, parece que ela passava despercebido, mas isso não é verdade... Quer dizer, nem sempre. Sua presença era grande. Embora tivesse corpo, órgãos, cabelo e boca comuns, ninguém imaginaria tais olhos. Tá certo que quase ninguém chegava a olhar para os olhos. Afinal, qual seria o objetivo disso? Não tinha muito a dizer. Só que a verdade era que tinha mesmo olhos muito pretensiosos para aquele corpo trivial.

* * *

Sobre aquele fato do corte, da dor. Cheguei a comentar? Enfim... Quando sentia muito ou parava de sentir ou não sei, algo acontecia dentro dela. Um estalo, um gatilho, uma gota, que é aquilo do transbordamento. Não importa. Alguma coisa meio sem forma e sem verbo, alguma coisa que não pode ou não quer ser dita. Aí ela sai. Sai de casa. Sai andando, procurando não sabe muito bem o que – apesar de saber exatamente. Procurando não se encontrar, talvez... Ou esquecer. Bem, é o que tudo indica. Ela sai. Perambula, deambula. Faz do seu corpo e do que ele deseja, sua própria existência. Passa a existir e a desaparecer, quase concomitantemente. Se propõe e busca a dor. Dor que acalma e alivia o peso do passado. Bolhas, crack, frio, fome, abusos, facadas, sustos, calos... Quando todo o desamparo não é suficientemente bom (no sentido de eficaz), come vidro. O mastiga vagarosamente para que aquilo provoque qualquer tipo de anestesiamento e/ou amnésia. Se vê sangrando. Sente os cacos penetrando espaços. “Cacos da Vida”. Barulhos e estalos. Cerâmica estranha. Vai pro nada. Dor: Imperativa. Não existe mais nada. E aí assim sim, consegue ver algum sentido em qualquer coisa. Sentido que de

forma retroativa a perdoa. Sentido que traz o perdão retroativamente. Volta à condição de carta. Carta branca? Carta do baralho, que conta. Cartas na mesa. Devires. É atravessada, se sente viva, se sente carne, se sente permeável e possível de ser alguém. Possibilidades. Potência (?). Vira rua, nua, vira entranha, vira gente. Vira trago, fumaça, pedra. Alucinação. Delírio. Deixa de ser mulher, mãe, gente. Fica bem. Passa a ser invenção. Por um tempo.

* * *

O que era já pra ter sido contado e não sei porque não foi, é que ela era mãe. Ou melhor, não se sabe muito bem se era. Não se a gente pensar no que significa isso. Mas, falemos sobre isso num outro momento. A questão é que ela pariu. Priu pessoas, mulheres também. Priu mais de uma vez, não sei como e nem porquê. Suas filhas existem. Essas, que existem hoje, são as viventes. Nem todas, mas vamos com calma. Ela tem filhas que existem. Existem nesses moldes aí de respirar, de ter casa, trabalhar, pagar contas, constituir família, etc etc. No entanto, elas faltam. Falta. Suas filhas não comparecem. Aliás, comparecem quando possível – diz e dizem, mas não que eu saiba. Ela as vê e as ouve. Diz: A relação é boa. Não se receia muito de não se fazer creditável.

* * *

Todavia, uma filha comparece. É a outra. A filha da estória da doação. A filha que foi por ela doada, “dada” há muitos anos já. Essa da marcação do Antes e Depois em sua vida. A filha que marca a passagem do que havia ao que passou a haver. Desespero. Tudo o que há. Essa filha dada pra que tivesse um futuro, para que fosse ser grande, mulher. Virar gente. Essa filha foi descoberta morta. Morreu. Não vingou. Não se sabe muito bem como. E no final, é isso o que menos importa. (Como as coisas da vida escapam mesmo!) Essa filha que parece ter dado o nome a todas que a sucederam. Essa filha, que morrendo baby, parece ter também nomeado a própria mãe. Ter marcado a existência dessa mulher, bebê. Ter inaugurado e corrompido algo dessa mulher, mãe. Cresce em importância e em afeto, não tendo podido ser nunca a filha que abandona e exige, mas a que morre. Essa é a verdade de maior integridade para si. Quem sabe sendo a única, se escarafuncha nela a fim de aproveitar

cada gota de lama e placenta. Sente-se suja e culpada. A parte doada passa a ser sua melhor, mesmo que não fosse. É essa – dentre todas tantas que não se dá o luxo, sua dor. Dor. Dor da perda. Dor do alívio.

2.3 APURANDO O SABOR DA EXPERIÊNCIA

Bondía (2002) faz um apanhado das traduções da palavra experiência em cinco idiomas, e a partir da apuração desses significados, tece boas reflexões sobre o que então seria o sujeito da experiência. Trazendo para o nosso interesse nesse trabalho, usaremos estas considerações para também pensarmos o narrador como sujeito da experiência.

Bem, retomando o autor e levando em consideração esses idiomas trabalhados por ele, vimos que, em espanhol, o sujeito da experiência “seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, [...] inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios” (BONDÍA, 2002, p. 24). No francês seria “um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar”. Em português, italiano e inglês, a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede” (BONDÍA, 2002, p. 24).

As traduções e sentidos dados por cada língua podem até diferir um pouco, mas o que chama atenção é que, em qualquer que seja o caso, seja como território de passagem, lugar de chegada ou espaço do acontecer, o sujeito da experiência tem mais a ver com passividade, parece ser mais determinado por sua receptividade, disponibilidade e abertura do que por sua atividade, suas ações.

O autor pontua que para que haja a possibilidade da experiência, para que algo possa nos tocar, é imprescindível que estejamos disponíveis e dispostos a praticar um gesto de “interrupção”. Parar. Parar para pensar, para olhar, para escutar, para sentir. Interromper os frenesis e correrias e hábitos para, ao menos por um tempo, suspender a opinião, o juízo, o automatismo. “Cultivar a arte do encontro” (BONDÍA, 2002, p. 24).

É sinalizado que o importante, do ponto de vista da experiência, não é necessariamente a maneira como nos colocamos, nos impomos ou a forma como propomos algo, mas sim o modo como nos expomos, mesmo que – e até por isso; nos expondo ocupamos um lugar de vulnerabilidade e risco.

Neste momento, Bondía remete a definição de Heidegger (1987) de experiência e o quanto este autor também preza por esta dimensão de risco e perigo. Bondía cita este autor:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (BONDÍA, 2002, p. 143).

Assim, a experiência inevitavelmente nos transformaria... Observando os verbos contidos nessa citação podemos pensar no sujeito da experiência muito mais como um sujeito atingido, tombado, padecente do que como um sujeito firme, ereto, seguro de si mesmo.

Seguindo estes fluxos, partamos agora para o que Larrosa diz sobre o saber da experiência. Este autor resgata uma compreensão de saber humano muito comum durante muito séculos, que faz referência ao *páthei máthos*, uma aprendizagem “no e pelo padecer”. Este seria um saber que se constrói no modo como as pessoas respondem ao que vai lhes acontecendo e no modo como vão dando sentido às coisas. Não se trataria da verdade do que são as coisas, mas da elaboração dos seus sentidos e dos seus sem sentidos. Busquemos o próprio autor para nos explicar:

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida (BONDÍA, 2002, p. 27)

Desta forma, seria um saber finito, que não estaria fora de nós. Podemos imaginar então que, seguindo esse entendimento de conhecimento, ninguém poderia aprender da experiência de outro, a não ser que ela – a experiência – fosse de algum modo tragada, vivida por si mesmo e daí tornada própria.

Esta é uma concepção muito diferente do modo de pensar por modelos e métodos frios e calculados, próprios da ciência tradicional. Há numa parte dos métodos científicos um desejo por caminhos seguros. Um tipo de conhecimento baseado em experimentos que procuram séries de regularidades, acesso a uma “cara legível” (BONDÍA, 2002, p. 28) do mundo para que possamos conhecer a verdade das coisas e dominá-las. Um conhecimento baseado numa acumulação crescente de verdades objetivas, que por sua vez, tendem a se manter externalizadas. Um conhecimento por vezes excessivo, mas que “flutua no ar”, sem ser encarnado, podendo em vez de germinar, ficar estéril.

Com tudo o que foi visto sobre esta forma de refletir a experiência, o sujeito da experiência, suas possibilidades de produção de saber, a forma como ela atua e ecoa, almejamos com este trabalho, produzir com experiência e possibilitar experiências.

Arrependida

Ela sempre se arrepende de quem é. Contudo, com alguma frequência, se distrai e esquece. Fica confortável. Isso é meio efêmero... ficar confortável. Incomodada dentro de si é mais familiar. Ela acha que pensa demais, queria ser mais espontânea. Quando consegue, se recrimina.

* * *

Todos os dias ela olha dentro dos olhos do espelho e preza um pouco por quem é. Sem esforço... Como um hábito. Mas às vezes se sente meio ridícula. Não tolera muito bem ser ridícula. Apesar de dizer gostar muito de gente ridícula. (De vez em quando ela tem dúvidas se gosta mesmo ou se só fingi). Não de si. Não tolera pensar que é ridícula. Dá passos firmes e só hesita para fazer charme, quando avalia ser adequado. Quando gagueja, quase se ofende. Denúncia.

* * *

Ela conta, chistosa, que às vezes sente vontade de ser homem. Desconfia que isso possa ser verdade, mas não tem convicção. Lembra das vezes em que, só sendo o que achada ser a si mesma, foi chamada de fresca, exagerada, histérica. Discorda, fica com raiva, mas não sabe muito bem como se resguardar, talvez porque junto sinta vergonha. Auto crítica. Fica em dúvida se deveria se defender, ou se importar.... Também já foi chamada de mocinha e de patroa. Sente-se estúpida, exposta, vulnerável. Não sabe se é fraqueza ou preguiça ou um sentimento de injustiça entalado.

* * *

Ela gosta de ser mulher. Por muito tempo usou desse fato para lidar com algumas das suas dificuldades. Sedução. Não percebia. Mas mesmo hoje, quando pensa sobre isso, não sabe se chega a achar que seja uma trapaça... Também não consegue se orgulhar. Entende que achava que ser mulher podia ser um recurso, um meio. Engraçado... Mas hoje não sabe explicar muito bem

como chegou a essa conclusão. E explicar-se é o que mais faz sem perceber, então sente um desconforto leve.

* * *

Ela acha que percebe muitas coisas, mas não queria. Acha meio inútil, já que nem sempre se sente mal por isso. Fútil, porque mesmo sentindo-se, não consegue fazer diferente. Queria que seu pensamento desse trégua pelo menos de vez em quando. Ela – e ele, nunca desligam. É cansativo, vive exausta de viver.

* * *

Ela segue a vida como se houvesse um rastro no chão. Vai para a terapia, ao cinema, pro barzinho. Namora. Ri. Vai pra aula, cumpre todos ou seus compromissos – ou quase. Tem a sensação de que existe um narrador da sua vida, como naquele do livro da Clarice que não lembra o nome. Ninguém percebe. Trabalha. Paga as contas. Conversa. Cozinha. Vai para o sofá e fica. Sente alívio e uma alegria indecifrável. Sente culpa. É quentinho (o sofá e a culpa). Ela sente culpa de quem é. Nunca está satisfeita. E a insatisfação funciona como um pedido de desculpas. É aflitivo, existir enquanto um disfarce.

* * *

Ela gosta de ler e já leu muito, desde menina colecionava histórias. Mas se sente uma irresponsável, porque lê e logo se esquece. Culpa. Precisa ficar se lembrando que está tudo bem e que nada é inútil. Costume de embestalar tudo e de dizer que as coisas não têm importância. Gosta dos supérfluos. Adora clichês e provérbios. Pensa que somos o que comemos e de propósito diz do livro que leu quando estava na sétima série. Tem um senso de humor meio bobo e acha que tem que se justificar por isso também. Queria ser diferente, mas meio que está bom assim.

* * *

Ela tem mania de sentir. Senta em algum lugar pra poder sentir coisas. Observa o mar e sente. Senta no shopping e sente. Fica no ponto de ônibus e vê seu ônibus passar. Senta na cama e fica esforçando-se para lembrar daquela época, daquele beijo, daquela vez... Sentiu tanto aquele dia e vive

querendo voltar. Gosta de pensar que está melancólica, acha bonito, embora não saiba bem o significado disso.

* * *

Quando caminha, ela anda na calçada oposta à orla. Vai do outro lado para poder ver melhor as pessoas no calçadão: caminhando, andando de skate, respirando forte enquanto correm. Fica tentando adivinhar se o biquíni está molhado, se o tênis está confortável, se a pessoa não tem medo de cair dos patins. Gosta de observar especialmente as mulheres ... ou os homens acompanhados. Sente curiosidade, frio, medo e um pouco de raiva – mas não sabe o porquê. Imagina se aquela mulher está confortável dentro do seu corpo. Sente inveja. Gosta de pensar que sabe o que as pessoas estão pensando e questiona-se sobre o que elas sentem do mundo. Ela sente arrepio e tenta sentir o que sente. Embora escape. Dificuldade para encontrar os nomes, e como saída, algum provérbio ou ditado popular costuma lhe vir à mente. Às vezes ri dele, às vezes engasga.

* * *

Ela fala fala fala... com uma displicência suspeita. Ela tem medo da vida e é todo o tempo. Tem saudade não sabe de quê. Remói. E tem preguiça. Daí, com preguiça de continuar se dizendo, cantarola uma música pensando que queria tê-la composto. *Amo tanto e de tanto amar Acho que ela é bonita Tem um olho sempre a boiar E outro que agita /Tem um olho que não está Meus olhares evita E outro olho a me arregalar Sua pepita /A metade do seu olhar Está chamando pra luta, aflita E metade quer madrugar Na bodeguita /[...] / Amo tanto e de tanto amar Acho que ela acredita Tem um olho a pestanejar E outro me fita (...).*²⁰

* * *

²⁰ Trecho da música “Tanto amar”, do cantor e compositor brasileiro Chico Buarque de Holanda. A música foi lançada em 1981, no álbum intitulado Almanaque (BUARQUE, 1981).

Ela gosta e se arrepende de quem é. E se debate e se desavença numa peleja, pensando e tentando concluir se tem culpa disso ou não. Ela quer ser outra, mas não consegue. Está muito apegada. Ela se orgulha de quem é.

2.4 AROMATIZAR, CURAR, DECANTAR, SOVAR: O NASCIMENTO DAS *ESCRITAÇÕES*

A escrita é uma criação [...] uma prática de procriação. [...] quando se escreve, distribuem-se germes, pode-se supor que se dispõe uma espécie de semente e que, por conseguinte, se é reintegrado na circulação geral das sementes.

Roland Barthes²¹

Entendemos estar no meio do trabalho. E nos vemos procurando chegar perto e dar pele, olhos e ouvidos à escrita das histórias. A invenção da nossa escrita. A escrita com as mulheres. Então buscamos estímulos e incentivos de alguns autores, alguns já apresentados anteriormente, para com eles também podermos forjar um jeito nosso de compor com a experiência.

Barthes, como citado acima, fala de uma escrita como criação, prática de procriação. E esta, tal como ele a entendia, não estaria relacionada à crença de eternidade, mas a uma distribuição de germes. E nós, ao pensarmos sobre como seria a escrita deste trabalho nos vimos assim: germinados. E queríamos também poder sermos semente.

Em uma entrevista concedida por esse mesmo autor, respondendo ao questionamento do porquê escrevia, ele diz de um entendimento da escrita não como uma atividade normativa ou científica e que, por isso, ele não poderia explicar objetivamente as razões pelas quais ele escrevia, mas que seria possível falar sobre as razões pelas quais ele imaginava escrever. Dentre elas, as que mais nos chamam a atenção dizem respeito ao fato da escrita descentralizar a fala, a pessoa, o indivíduo e, sobretudo, que teria potencial para produzir sentidos novos. Sobre este último ponto, é dito sobre uma escrita capaz de “apoderar-se das coisas de um modo novo, abalar e modificar a subjugação dos sentidos” (BARTHES, 2004, p. 1).

A ideia de, através de uma escrita, causar descentralizações, produzir e abalar sentidos, nos parece bastante sedutora. Pensamos em rupturas e em como a ação de deslizar em vez de enraizar pode ser cativante e provocativa.

21 Barthes (1982, p. 355).

Alain Robbe-Grillet, em seu livro “Por que amo Barthes” fala sobre o fragmento barthesiano e como ele desliza sem parar. E diz: “é um pensamento que deslizou e que vai continuar a deslizar sempre, de metáfora em metáfora” (ROBBE-GRILLET, 1995, p. 32). Este autor elucida que os sentidos desses deslizamentos não se situam nos conteúdos que por ventura aparecem aqui e ali, mas precisamente no próprio fato dos deslizamentos. Ele conta que, ao final da aula de Barthes – da qual tinha gostado muito, foi questionado com ênfase por um jornalista que afirmava que o professor não teria dito nada, em suma. E esta é a resposta do autor: “Claro, ele nada disse, ficou sem parar deslizando de um sentido que escapa a um outro sentido que também escapa” (ROBBE-GRILLET, 1995, p. 34). O que nos faz pensar que a aposta barthesiana reside no próprio movimento, nos deslizamentos. Deste modo, sentimos que estes parecem ter nos ajudado a chegar até aqui, nesse meio de pesquisa.

Kastrup (2008, p. 466) afirma que a pesquisa se faz num “espaço do meio”, que desestabiliza lugares pré-concebidos e que não se esquivia, longe disso, que responde pelas transformações ocorridas. Ressalta, ainda, não existirem os polos sujeito-objeto.

Concordamos não haver esta separação, afinal tudo e todos permeiam o mesmo espaço, o espaço da pesquisa. Há um reconhecimento de que a neutralidade não existe. E é assim também que entendemos esta pesquisa. As pessoas não existem em separado, não há as mulheres, a pesquisadora, a orientadora, as colegas. Há o meio em que por um tempo, por um deslize, por fragmentos de uma cena, habitamos.

Um meio que transforma e que desestabiliza posições preconcebidas. É nesse meio trazido por Kastrup que queremos transitar e construir possibilidades de morada. No meio, entre todas as que participam e caminham conosco no processo da pesquisa. No meio, entre Biografema e Narratividade. Um espaço no meio que abarca características dos habitantes e dos transeuntes. Um meio que vai adquirindo aspectos próprios, mas que remete em quem vê, lembranças e similaridades diferentes. Como o filho que carrega altas doses de genes dos pais e de outros parentes, mas que não é a cópia de ninguém. Tem traços de pai e mãe. Alguns dizem que parece com a

avó. Outros que é a cara do tio. Tem gente que brinca dizendo que deve ser adotado, pois não se parece em nada com os familiares. Como saber? Uma misturinha não completamente rastreável, mas possível de ser apreciada.

E é nesse meio que pensamos estar a escrita que propomos neste trabalho. É algo produzido a partir e com ajuda das experiências vividas, algo entre Biografemas e Narrativas, e ao mesmo tempo nenhuma delas. É uma escrita de vida. É real. É uma ficção. Uma invenção. E concordando com Manoel de Barros (2010), também achamos que tudo o que não inventamos é falso.

Por algum tempo chamamos os escritos de histórias, às vezes escapulia um conto, estória. Noutros tempos, nos referíamos aos textos como narrativas, depois começamos a engasgar, soluçar.... Não era isso.

Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
se reinventada. (MEIRELES, 1994, p. 239)

Com o caminhar da pesquisa e conforme os textos foram nascendo, sentimos que ainda não tínhamos um nome para chamar o que ia surgindo no papel. Precisava ter um quê de ação, era uma escrita viva. Além disso, tendo flertado com tantos e querendo continuar a paquera, não queríamos chamar pelo nome só de um. Não podia ser uma cópia. Era filha de muitos pais. Começamos a chamar de *escritação*.... Houve um batismo meio torto, meio atrapalhado, mas que pegou. Foi-se necessário “inventar uma forma de fazer aquilo que vem (vinha) pedindo para ser feito” (MARASCHIN; RANIERE, 2015, p. 41). Talvez, como disse Mia Couto (2005, p. 46), “com pinceladas” e “sem moldura”. O fato é que algo já estava lá e se impôs: como a escrita se impõe, às vezes, para que algo que grita possa ser desengarrafado. Concordando com Magalhães (2003, p. 3), era mais do que dissertar sobre, era um modo de fazer próprio, era “um tipo de saber perpassado pela lógica subjetiva”, que ao mesmo tempo luta contra os reducionismos dos sujeitos.

Escritação que sabe que o oleiro sempre suja suas mãos com a argila do vaso e que, como lembra Machado (2010), entende que toda relação de saber só faz diferença, ou vale a pena, quando modifica a nós mesmos e o mundo ao redor; quando em uma produção “se entra uma e se sai outra”.

O estudo e as *escritações* não são sobre uma pessoa, uma mulher. Não se pretende individualizar acontecimentos, dizer de qualquer tipo de essência ou identidade. Não temos qualquer pretensão de generalizar. As *escritações* surgiram a partir do contato com algumas mulheres e esse número não é importante. Mulheres que não foram escolhidas por preencherem critérios tais como idade, renda, geografia, estado civil, nacionalidade, mas que apareceram. Surgiram a partir de diferentes contextos e são muito heterogêneas. A maior parte das mulheres com quem tivemos contatos na pesquisa são do Brasil, predominantemente de estados do sudeste, sul e nordeste. Algumas são ou já moraram em outros países. Elas pertencem a diferentes camadas sociais, raças. Têm diferentes orientações sexuais, idades, profissões e rendas. Algumas não têm renda, outras não concluíram os estudos.

O que as mulheres trazidas têm em comum é que elas nos chamaram a atenção por viverem histórias cheias de atritos específicos que atribuímos acontecerem pelo fato de serem mulheres. Elas ilustram situações que percebemos estarem atravessadas por questões que envolvem poder e, por consequência, resistência. Elas, cada uma a seu modo e de acordo com suas singularidades, resistem e tentam escapar às tentativas de normalizações, normatizações, imposições e às pressões às quais sofrem.

A partir disso, há trechos, fragmentos, causos, cenas. Pois não há mesmo uma vida que caiba em nenhum lugar, completamente. Mulheres sem nomes.... Pensamos que habitualmente a ideia do nome próprio está relacionado a alguma constância, estado civil, como um atestado de identidade e, por isso, optamos por não os usar, nem os inventar. Tampouco usaremos artigos definidos (o, os/a, as). Escolhemos por usar o pronome pessoal *ela*. Anônimas. Mulheres sem nome, mas que podem ter todos os nomes, como diz Barthes (2005, p. 175): “não há autor, nem personagem. Só há uma escrita. ”

Afirmar a pluralidade e que a pesquisa constitui também uma experiência é firmar um compromisso com invenções de novas possibilidades, novas trilhas para se caminhar e se aventurar. É reconhecer e dar visibilidade a saberes que não se encontram desencarnados do indivíduo que é tocado. Intencionamos

afirmar a riqueza de enfrentar, reagir às verdades objetivas, valorizar as singularidades e convidá-las a participar. Ir na contramão do que é genérico e dos métodos prontos. Fabricados antes da caminhada.

Pensando em Deleuze (1992), que disse que não devemos pegar as coisas pela origem, mas pelo meio – onde elas crescem –, e as rasgar, rachar. Assim entendemos essa pesquisa. Quando nos demos conta, estávamos inseridos organicamente em algo, já havíamos lançado questões e compreendido, mesmo que de forma meio avessa, que algo existia e insistia ali. E nós e esse *algo* já nos fazíamos as perguntas: “Que é que pede passagem na língua? Que é que ganha verbo no que acontece?” (COSTA; ANGELI; FONSECA, 2015, p. 46).

Nesta pesquisa não houve uma coleta de dados nos moldes da ciência tradicional, realizada em um determinado período do trabalho, com horários marcados, fichas, entrevistas. Nos entregamos à pesquisa, assim, fizemos uma busca – ativamos nosso corpo vibrátil – com olhar atento a tudo que acontecia antes e durante o período do mestrado. Mesmo quando ainda não havia uma escrita. Mesmo quando ainda não estávamos formalmente inseridas no programa de Pós-Graduação. Mesmo antes de conhecermos e namorarmos com biografemas e narrativas. Sempre que algo acontecia que nos chamava a atenção, fazíamos um registro. Algo ia apitando – como uma chaleira, avisando-nos de algo e nos fazendo parar, sentir, pensar.

No começo ainda não sabíamos o que fazer com o que surgia. Aos poucos, os pedaços foram se misturando e tomando algumas formas que reconhecemos como histórias. Então a colheita e cultivo do material foram guiados por percepções, emoções, pensamentos advindos de diversos contextos.

Foram trabalhadas notícias em que mulheres apareciam, na internet, jornais impressos, jornais televisionados. Criamos redes e com cada mulher nos conectávamos de um modo diferente. Seja olho no olho, enquanto preparávamos um jantar para as amigas; bate papos e observações via internet, em redes sociais e aplicativos; encontros na clínica; conversas com desconhecidas na fila do banco, na praça com algumas vizinhas. Foram

colhidos relatos de coisas que aconteceram com mulheres vindas de diversas fontes. Participamos de grupos de mulheres no *whatsapp*: de grávidas, de mães, de feministas, de vizinhas, de faculdade. Foram feitos resgates de atendimentos psicoterapêuticos realizados nos últimos onze anos. Também compareceram outras cenas e cenários, sejam advindos de filmes e seriados, músicas e livros. Tudo isso, a fim de nos inspirarmos e termos acesso a diferentes tipos de mulheres e modos de vida.

De algumas dessas cenas participávamos de modo intencional. No entanto, a maioria delas se impunha durante uma distração ou a realização de uma atividade qualquer do dia e da vida. E posteriormente ocupava espaço, inchava dentro da gente. Daí surgiam questionamentos e afetos e algo encasquetava. Havia, ali, lutas de forças, tentativas de escapes, tentativas de subjugação, atritos relacionados a poder e resistência. Dessas experiências nasciam *escritações* e nessa aposta metodológica não nos preocupávamos em relatar fielmente as histórias ouvidas. Elas, como inspiradas nas ideias de Barthes e Benjamin, não se importam muito com cronologia, não são fiéis com nenhuma noção de verdade e nem buscam fidedignidade. A ideia é de que, embora as *escritações* sejam inspiradas numa realidade, em fatos, elas têm como prioridade dizer de coisas que mesmo tendo acontecido com uma mulher, poderiam acontecer com outra mulher. Ou com algumas. Ou comigo, ou com a leitora.

As *escritações* foram se apropriando de encontros e coisas pelos caminhos: cenas, imagens, desabafos, histórias, músicas, sentimentos, olhares, objetos, choros, surtos, gagueiras, produções artísticas e culturais, postagens na internet.... Encontros que tivemos a oportunidade de sentir, desfrutar, inventar, participar, criar, observar e que se desdobraram em pensamentos, observações, conversas, diários de bordo, reflexões. Produção. Criação. E algo foi e vai ficando... ciscos, cacos, restos. Como a xícara de Drummond²², estranha e colada, que nos espia do aparador.

²² “Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara. / Sem uso, / ela nos espia do aparador.” Poema “Cerâmica” (ANDRADE, 2012)

Mães

Como é que uma ausência tão imensa não aparece no
avesso do espelho?
[...] Eu teria uma senha, um segredo abismal que me separa
do mundo. Eu tenho. Eu tenho um segredo. Eu fui enterrada
viva.
[...] Toda morte de quem amamos é uma amputação. Todo
luto uma regeneração.
[...] Foi minha mãe que morreu há pouco, com um pouco de
mim. Ou talvez tenha sido muito.

Paula Correa²³

“Aí eu dormi, e quando amanheceu era outro dia” - ela disse. Estava tudo bem. Parecendo ter se esquecido da morte da mãe. Seria mãe de novo em breve e sua barriga a lembrava disso sem saber. Porque era assim mesmo. Não se sabia de muito.

Sabia bem dos barulhos das batidas do martelo na madeira. Ela explica que na época não se encomendavam os caixões como hoje. O homem vinha em casa, com a madeira, e fazia ali mesmo a caixa, e forrava e pronto. Enquanto isso se esperava com o corpo frio acomodado em algum lugar por ali. Tudo era normal e estava sendo registrado de modo a ser lembrado mais de 40 anos depois...

Foi embora, dormiu e no outro dia, era outro dia. Ela conta ter quase se esquecido que não tinha mais mãe. Sentada no alpendre ela e a barriga. Daí quinze dias, pariu. Foi ser mãe também. Paria de novo e não seria o último. Era mágico ter filhos, dizia.

* * *

Ela tinha cinco anos um dia e viu a mãe chegar suada vindo do córrego com as roupas recém lavadas nos braços. Trocou a bacia por uma das crianças e deu de mamar. Sua mãe ali suada, ensopada de água, suor e leite, amamentando. Conta ter sentido inveja e continua a falar, desapercibida da

²³ Correa (2013, p. 7). Paula Correa passou por uma grande cirurgia para doar parte de seu fígado para sua mãe, num transplante. No entanto, antes de estar recuperada do procedimento, sua mãe falece. No livro ela narra de forma simbólica e ao mesmo tempo, literal, todo o processo. Ela fala da perda de alguém amado como uma amputação.

potência daquela frase. Mas o que vem depois não convence ninguém. Tudo de palavra que saiu era que sentiu inveja da mãe. Disse isso com simplicidade imensa, tão linda, que a inveja pegou a beleza emprestada dela. Queria ser mãe.

* * *

Com o último filho pra sair ainda de dentro, foi pro hospital. Marido tinha emprego fixo, os tempos era outros, mais tecnológicos. Diz que foi pior. Não diz, mas parece que a parteira fez falta. Mas não precisava mais daquilo, tinha o hospital. Sofreu sofreu sofreu, achou que o menino ia morrer. Mas é porque ele nasceu um cabrito, justifica, rindo. Não sabia que tinha sofrido uma violência e que poderia fazer escolhas. A vida só era assim e sabia que quando chegasse em casa faria do seu jeito.

* * *

Certa vez, não sabia direito nem nada o que estava acontecendo. Sabe que a mãe entrou para o quarto com uma outra mulher e ficou por lá três dias gemendo. Nessa época a mãe estava barriguda e dizia ter comido feijão azedo, mostrando a pança enorme. Lembra que nesses três dias, as vizinhas vinham fazer comida para ela e para os irmãos todos. Ouvia os gemidos e ficava sem entender muito bem. Daí os três dias o pai leva para fora do quarto um bebê lindo, morto, grande e branquinho e o coloca em cima de um móvel da casa. Veio o homem com as madeirinhas, mas a caixinha ficou pequena e foi só seu pai que a carregou num ombro só. Não tinha mais gemidos, mas as batidas do martelo na madeira.

* * *

Ela conta não entender como que hoje em dia as mães conseguem ser mãe diferente. Deixam os filhos e vão pro forró. Porque diz que para ela ser mãe é muito, é muito importante na vida. E dava para entender que aquilo era mais que muito, era tudo e, sendo tudo, não cabia mais nada. Nem ser gente. Só mãe.

* * *

Ela conta achar que sua avó pariu um tanto de filho, mas que cada um foi embora de um jeito e daí ninguém conheceu ninguém. Fala sem convicção por que disso não se lembra com os ouvidos. Sabe que tinha uns gêmeos e que morreram em separado. Fala de uma história que na roça as cobras ficavam com ciúmes dos nenéns e de noite iam no peito da mulher para tomar leite também. Só que depois as crianças morriam. Parece que era de propósito e por isso tinha-se que ter muito cuidado com cobras. Supõe-se que as cobras ficavam felizes depois. E se acreditava nisso. Como se acreditava em deus.

* * *

Ela era velhinha, miúda, cheirosa. Todo mundo a chamava carinhosamente de tia. Ela só era mãe porque tinha meio que criado as filhas da irmã que era morta. Era sofrida, mas nem falava nada. Nem se zangava. Mas naquele dia ela chorou, chorou, chorou tanto! E ficava olhando para o corpo daquela outra mulher ali no caixão. Aquela era sua mãe e sua morte já não era tanto uma surpresa. Ela, a mãe, já havia vivido mais de noventa anos. Mas a filha, que também já tinha vivido muito, não se cabia. Após uma longa pausa do choro, aparentando muito cansada, fez questão de falar que aquele era o dia mais triste de sua vida e que nunca tinha imaginado poder sentir tanta dor. Disse que não sabia ser possível. Sofria como quem tinha acabado de descobrir o que era o sofrimento.

* * *

Ela tinha começado a viver cedo então aos vinte e poucos já tinha vivido e visto muito e achava que sabia de muita coisa. Que era grande. Já era mãe e em breve seria de novo. Na semana que antecederia o parto seu médico não conseguiu ouvir o coração do bebê. Em casa estava tudo pronto para esperar a filha. Estava tudo pronto e ela nem pôde sair do hospital, teve que parir a criança no mesmo dia, morta. Teve que parir um bebê morto. Não sabe contar

o que houve, não sabe contar o que foi aquele dia, não sabe dizer muitas coisas. Parto induzido. Mas ela não se lembra de ter sentido a filha sair de dentro de si. Nas vezes em que fala sobre o assunto, conta que achava que deus sabia o que estava fazendo e que na época não existia essa coisa de sentimentos. De sentir os sentimentos. Era assim. Mas a mãe sabia que a filha era morena. Apesar de não ter visto o corpo, a mãe sabia. Era assim. Depois descobriram que tinham que ter decidido coisas a respeito do corpo da menina, da criança, morena, que nasceu morta. O hospital ligou que tinham que assinar um termo para liberar o corpinho. Até hoje não se sabe muito bem o que fizeram com ele, para onde ele foi.

* * *

Ela virou mãe no dia que perdeu a mãe. Desde então, não fala frases. Geme, sussurra números numa contagem infinita, grunhe, às vezes grita. Acho que quando começa a lembrar e deve ser o tempo todo. Enlouqueceu, dizem. Eu fico bem em dúvida se isso é que é loucura. Sabe que tem um filho, mas não pode com a possibilidade de sentir tanta dor de novo. Parece uma questão de sobrevivência. Daí tenta não o reconhecer, apesar de amá-lo muito. Mas ela sabe que tem um filho. Ela consegue falar do filho só na ausência dele. A mãe sabe que tem um filho. Ela sabe. Ela, que só se reconhecia gente tendo uma mãe, perdeu a mãe. Ela vivia em simbiose com a mãe. Intimidade sufocante. A mãe não contou que estava doente, não contou que estava morrendo. A mãe morreu sem contar. Ela, que agora é órfã, sabe que agora tem um filho, mas ela não pode ter. Ela não consegue. Ela não pode ser mãe. Ela sabe que não consegue ser mãe. Ela quer sobreviver e é assim que ela faz. Ela sofre muito.

3 DANDO LIGA COM O QUE NOS ATRAVESSA

As *escritações* são textos advindos de encontros com algumas mulheres. Cada uma traz cenas e pedaços, fragmentos de vida. Mesmo que não haja nas histórias, como critério, um tema específico, notamos que há um ingrediente nelas que faz dar liga, uma questão que nos atravessa. Nossa escrita neste trabalho buscou falar com mulheres de modo aberto, receptivo. E ao fazer isso, fomos percebendo que estávamos, inevitavelmente, entrando em contato com realidades que falavam de lutas, de afrontamentos, de combates de forças. Atritos que iam transformando e sendo transformados pelas relações em que as mulheres estavam inseridas. Falávamos sobre poder e resistência – ingredientes inseparáveis nessa receita.

Os modos de viver das mulheres desta pesquisa são diversos e singulares. São temperos que dão sabor aos corpos, integrando-se à vida de cada uma. Essas mulheres estão no mundo, vivem nos dias de hoje – algumas mais jovens, outras já senhoras – e, portanto, estão em contato com gente, estão em sociedade e se relacionam e conseqüentemente estão inseridas em relações de poder. E as “relações de poder sempre irão implicar exercícios de resistência” (MACHADO, 2010, p. 125).

Sendo assim, nesta etapa, pensaremos sobre o conceito de poder prioritariamente sob a perspectiva de Michel Foucault, além de contar com a contribuição de outros interlocutores. Ademais, falaremos sobre resistência, pois como já dito, são conceitos correlatos e compõem a linha que atravessa todas as *escritações* e as vidas das mulheres presentes nesta pesquisa.

Febre

Ela tinha desejos que não reconhecia como seus. Por isso, lembra-se que ainda pequena, já se sentia desajustada. E ainda se sente. Faz uma pausa, suspira, e conta detalhadamente de uma amiga especial que teve aos nove e que marcou sua vida para sempre. Desde então vive em disfarce, sendo pelas metades. Vai falando e dando pistas de uma memória afetiva quentinha... e ao mesmo tempo dolorosa. Pisca muito e olha para o chão. Não dá pra saber se tenta disfarçar o choro ou o prazer, o brilho nos olhos.

* * *

Criada como católica e se reconhecendo como uma pessoa muito religiosa, ela era convicta de que tinha uma missão, um papel que precisava atuar dentro de sua fé. Desde adolescente ocupou cargos na igreja e o faz até hoje, passando por grupos e levando para o maior número de pessoas possível o que entendia ser 'a Palavra'. Ou a sua leitura 'Dela', feita sempre com bastante rigor. Catequese, coroinha, ministérios, grupos de jovens, corais, equipes, pastorais, voluntariados. É exaustivo ouvir.

* * *

Hoje, ou melhor, nos últimos tempos – e como já havia ocorrido outras vezes, ela não consegue dormir. Sua e acaba molhando todo o lençol na sua parte da cama. Sente frio na barriga e calafrios. Se mexe num sono agitado, meio dormindo meio vigilante. Quando completamente acordada, percebe que seu coração anda disparado de novo. Ela sabe o que isso significa, mas não gostaria de saber. Nega. Tenta com todas as suas forças ignorar o fato de estar sendo 'fraca'. Conta que não consegue parar de pensar nessa outra mulher. Nega que deseja, nega que o sentimento é gostoso e que assim, se sente viva mais uma vez. Se odiar a faz ficar exausta e desgastada, mas parece ser a única opção para ela.

* * *

Ela procura um padre. Ela precisa falar, como qualquer pessoa que está apaixonada. Tudo a faz lembrar da outra mulher, bolar cenários imaginários,

desejar sua presença. Ela escreve cartas de amor e as rasga. Ela telefona para ouvir sua voz e desliga. Ela não se concentra no trabalho e nem em nada que se propõe a fazer. É invadida por pensamentos e ideias que abomina. Ela sente tédio. Ela quer ser uma mulher exemplar. Lembra-se das filhas, reza. Pede para que deus a liberte. De quê? Ela diz só querer ser normal. Julga saber o que é isso. E se masturba, sentindo-se suja.

* * *

Ela é casada com um homem. Diz que o marido é uma boa pessoa e que tenta ajuda-la com a 'doença'. Que quer vê-la bem, curada. Ele a perdoa, embora não saiba muito bem porquê. Ele deve saber. Compra seus remédios, leva ao psiquiatra, faz a comida quando ela não se sente disposta. Mas cobra. E ela nem sempre chega a pagar. Culpa. Culpa. Penitência.

* * *

As filhas não entendem, só sabem que a mãe está doente. E que às vezes isso acontece. Nas últimas semanas ela não tem conseguido ajudar com as tarefas da escola e está sempre nervosa. Por vezes queima as coisas na cozinha e xinga, o que também não é muito comum. Tem ficado muito na cama, crises, dores, mal-estar. Labirintite. As filhas estão aprendendo a se virar, outro dia a mais velha ajudou a mais nova a fazer um lanche. Aos poucos elas estão parando de chamar a mãe para descer para a piscina. Ela sente estar se desapontando, mas fica contente quando consegue ficar sozinha em seu quarto.... Ela não diz, mas imagino que consegue ter algum alívio nesses momentos.

* * *

Ela conta que foram quatro amigas no total, com essa de agora. Cada paixão dura anos. Uma delas soube e correspondeu, a de hoje não. Ela conta que ela não se interessa por esse arranjo e tem outra ideia de relacionamento. Das outras duas não dá muita notícia. Embora denote gostar de contar as histórias, falar das circunstâncias, descrever os cenários, dizer do seu desespero e agonia. Chama de obsessão. Em sofrimento, mas quase que orgulhosamente. Talvez percebendo que ali, é ela.

* * *

Apesar de tudo, ao longo da vida e ainda hoje, vai seguindo os protocolos. Casou-se virgem com um homem bom, da igreja. Teve filhos. Estudou. Arrumou emprego e colabora com as despesas da casa, mesmo entendendo que essa responsabilidade é do marido. Imagina ter uma vida boa, exceto nas fases como essa, em que “adoece”. Para ela, ser feliz sempre soa pecaminoso e não importa se realiza, ou não, os roteiros que encena em sua cabeça. Ela entende que sua própria carne é o pecado e não há muito o que fazer. Mas, exceto nas fases em que está assim, ela consegue disfarçar bem. Mantém tudo dentro da cabeça e consegue até diminuir algumas dosagens dos psicotrópicos que usa desde a adolescência.

* * *

Ela se medicaliza, ela ora, ela canta, ela confessa, ela se consulta com uma psicóloga cristã, ela faz retiros espirituais, ela faz posts no *Facebook* e participa de grupos de pessoas do bem. Ela até dá sermão no *WhatsApp* pra algum familiar que está saindo dos trilhos. Ela procura não se distrair de seu foco. Ela diz conhecer pessoas que eram como ela e que agora estão curadas. Ela acredita na benevolência divina. Embora não acredite poder ser outra. Ela diz estar doente. Ela acredita em milagres. Ela quer. Ela não quer. Ela arde.

3.1 AL DENTE

Foucault, em seu livro intitulado *História da Sexualidade*, a vontade de saber (1926-1984/2014), refere-se ao poder como algo que escapa e extrapola o exercido na forma do Direito. Ele diz ser transitório pensar no poder a partir desse viés do direito e da lei/legalidade, pois isso diria respeito a um período específico da história. Ao invés de dar ênfase a esta época, o autor vai direcionando seu pensamento para os novos procedimentos de poder, que a partir do século XVIII foram tomando a vida na “qualidade de corpo vivo” (FOUCAULT, 2017, p. 98). Como veremos abaixo, um poder que atua através de mecanismos que funcionam muito mais pela técnica, pela normalização e pelo controle do que pelo Direito, pela lei e pelo castigo. A estratégia muda e ao invés da punição de outrora, há um ajuste constante, adaptações, manipulação das multiplicidades.

E se é verdade que o jurídico pôde servir para representar, de modo sem dúvida não exaustivo, um poder essencialmente centrado na coleta e na morte, ele é absolutamente heterogêneo com relação aos novos procedimentos de poder que funcionam não pelo direito, mas pela técnica, não pela lei, mas pela normalização, não pelo castigo, mas pelo controle, e que se exercem em níveis e formas que extravasam do Estado e de seus aparelhos (2017, p. 98)

Foucault (2017) fala de um avanço gradual em direção a outra concepção de poder que não se trata de um “conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado” (p. 100). Que não é uma “instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados”. (p.101) Mas uma ideia de poder como uma situação estratégica complexa.

Sendo assim, tais perguntas não seriam cabíveis: Onde está o poder? A quem pertence? Antes trata-se de problematizar o poder e seus efeitos, sua mecânica, sua composição a partir de uma configuração que escapa ao que é autorizado, formalmente falando. Essa nova forma de abordar o poder entende seu funcionamento num nível capilar, ocorrendo através de acoplamentos de diversos micropoderes cuja atuação incide muito mais sorrateiramente.

Práticas de poder cujos procedimentos incidem no corpo, na vida. Estratégias de poder aliadas à produção de saberes que interferem no cotidiano: organizando, hierarquizando, ditando o que é certo e errado, adequado e inadequado, bonito, recomendável.

O fato de o poder não estar mais localizado na figura de um soberano, de um político, de uma estrutura do Estado, no jurídico, nas leis, coloca sua análise a partir de estratégias, que se espriam na sociedade como um todo. Deste modo, as práticas de poder ou as relações de poder, estão distribuídas em todas as direções, circulam nos espaços sociais de modo difuso, desigual, contínuo.

Assim, esse poder descentralizado captura e controla muito mais eficazmente. Nos fabrica porque produz, produz nossos modos de vida, nossos modos de desejar. Pois qualquer pessoa, seja ela quem for, exerce uma espécie de poder quando em suas atuações, condutas, falas, fazem julgamentos, tutelam, prescrevem, controlam ou ditam regras. Portanto, o poder seria algo que está em toda e qualquer parte

Ele não é uma entidade, uma substância ou lugar, mas uma prática. E se exerce e está disseminado por todos os lados. Foucault sugere que o poder pode ser entendido como:

A multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 2017, p. 100-101).

Essa ideia fala de um poder descentralizado, capilarizado, móvel, instável. Há uma onipresença do poder, porque ele se produz e se faz em todos os instantes, em todos os lugares. Do autor:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma

riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação [...]. (FOUCAULT, 2008, p. 103).

O poder só se faz em relação, não existe poder sozinho, em uma instituição ou pessoa. Foucault (2017) afirma ainda que o poder não é algo passível de se alcançar ou contrair, “algo que se guarde ou deixe escapar” (p. 102), ele se exerce em meio a relações e se faz presente em todas elas, sejam de amizade, acadêmicas, laborais ou sexuais. Não se pode dizer que um grupo específico detenha o poder, e se coloque como dominador frente aos dominados, posto que as forças hegemônicas de poder serão sempre circunstanciais, datáveis, instáveis, provisórias por se tratar de “correlações de forças múltiplas” (p. 102), que se tencionam em suas diversidades. Não há um “ponto central”:

A condição de possibilidade do poder, em todo caso, o ponto de vista que permite tornar seu exercício inteligível até em seus efeitos mais ‘periféricos’ [...] não deve ser procurada na existência primeira de um ponto central [...]. (A condição de possibilidade do poder) é o suporte móvel das correlações de forças que, devido sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder [...]. (2017, p. 101).

Ao entender o poder e seus mecanismos como correlações de forças, as resistências aparecem como o outro termo. Deste modo, sempre estarão presentes em toda a rede de poder e são parte constitutiva dessa relação. Segundo Foucault (2006, p. 104), “onde há poder há resistência e esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”.

Pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder. Não existe *um* lugar de grande “Recusa” (p. 104), mas resistências, no plural. Elas podem ser entendidas como uma revolta, levante, insubordinação, desobediência. Mas elas:

[...] não se reduzem a uns poucos princípios heterogêneos [...]. Elas são o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se nessas relações como o interlocutor irreduzível. Também são, portanto, distribuídas de modo irregular: os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2017, p. 104).

Nesse emaranhado de forças as resistências se distribuem de modo irregular e, como as relações de poder, são móveis e transitórias, atravessam, produzem e se reproduzem no conjunto social. Introduzem clivagens que se deslocam e rompem unidades. Do mesmo modo que a rede das relações de poder atravessa tudo, sem se localizar exatamente num lugar, também os pontos de resistência atravessam tudo, de forma pulverizada.

Prosseguiremos no assunto das resistências mais diante, contudo, antes, reforçaremos nossa compreensão sobre a noção de poder. Para isso, recorreremos aos trabalhos de Gilles Deleuze, filósofo que esteve próximo de Foucault de 1962 até sua morte em 1984, tendo ministrado em 1986 um curso dedicado ao pensamento de Foucault e a problemática do poder.

Deleuze nos diz que não é possível possuir o poder, que este não se refere a uma pessoa e nem a uma classe social, funcionando mais como estratégia do que como propriedade. Por esta razão, não há estabilidade nas relações de poder, mas focos de instabilidade. Por mais que não se faça uma negação quanto às questões das classes sociais, para o autor, é importante afirmar que seu foco se coloca sobre a luta, sobre os tensionamentos, sobre conflitos entrecortados e não antagônicos, cujos efeitos e táticas não pertencem a somente um grupo ou a grupos.

O poder se coloca, é fabricado nas práticas e engrenagens sociais que estão em toda parte. Os níveis capilares em que se efetuam são infra estatais, mas isto não significa que estes fluxos de poder não possam ser compatíveis com estratégias políticas estatais, só não podemos limitá-lo à organização do Estado. O poder sendo local, como apontado por Foucault e reforçado por Deleuze, indica que ele não é global, mas nem por isso ele é localizável, pois é difuso. Isto é, seus efeitos e estratégias não estão restritos a regionalidades específicas (ou condições ou espaços específicos). Suas formas e pontos de aplicação são heterogêneos.

Por não se posicionar numa superestrutura, o poder seria inerente e inseparável do campo social. Ele não está subordinado a nada, por pressuposição, nem mesmo a questões econômicas. Numa análise que priorize seu funcionamento, podemos dizer que focos de poder com suas

técnicas formam segmentos que se articulam em jogos múltiplos e de composições diversas, não sendo unidirecional.

Se trata de uma relação, destarte, o poder não tem essência, nem interioridade, pois é funcional. Não é possível dizer que algumas pessoas têm o poder e outras são desprovidas de poder. Sendo relação de forças e enquanto relação de forças têm seus espaços, seus efeitos e seus pontos de emergência dinamizados. Não há a rigidez de um poder verticalizado.

O poder não é apresentado pelo autor como algo ideológico. Ele é relação de forças movediças, dinâmicas, instáveis. A ação de uma força sobre outra, ação sobre a ação. E normalizar é a relação de forças por excelência. Ou seja, o poder não atua pela repressão ou pela ideologização, mas sim pela normalização das condutas: tornar normal. Mas também pela normatização: tornar normativo, produz condutas através de normas. Esses dois processos se fazem e compõe um poder com efeitos de produzir, criar, demarcar realidades. Assim, ele é mais eficaz, mais presente.

Deleuze, bem como Foucault, diz que a lei não é suficiente para fazer com que uma conduta não aconteça ou aconteça. Sendo assim, é mais uma estratégia de poder. A própria lei é apresentada como uma conjugação de relações de forças.

Notamos que muito foi dito sobre o poder e como ele é relação, como ele se faz e se produz, na correlação de forças. Sabemos existir um caráter rigorosamente relacional entre esses dois conceitos. Sendo assim, do outro lado dos exercícios de poder, há, incessantemente, exercícios de forças contrárias à “vontade de dominação”. Resistência. O poder só se faz nessa correlação de forças e a resistência é o que traz instabilidades. A resistência é a ruptura.

Se o poder tenta dirigir e controlar a vida, as maneiras de existir, sentir e pensar; a resistência é escapatória. Ela é criativa: produz, inventa outros modos de existir, sentir e pensar. Resistência como afrontamento, questionamento, não sujeição. Ela desloca o que já está dado, normalizado, reinventa sempre, a cada captura.

As relações de poder se fazem em meio a uma multiplicidade de pontos de resistência. Relações de poder sem resistência seriam configuradas como violência. Podemos observar nas *escritações* a presença dos tensionamentos entre poder e resistência, a correlação dessas forças. Cada uma dessas mulheres abre brechas em suas realidades, cria espaços de possibilidade de existências menos sufocantes, busca possibilidades de transformações. Resiste.

Judith Revel, professora na Universidade Paris-Nanterre, pesquisadora do pensamento de Foucault, nos ajuda na melhor compreensão disso:

[...] a resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder, assim, tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações; na medida em que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e agenciar possibilidades de transformação em toda parte. (REVEL, 2005, p. 74)

A resistência é primeira. Onde há poder há resistência pelo fato de que se não há tensionamentos de forças, não se trata de jogos de poder. Se não há possibilidade de escapar, configura-se violência, ou estados de dominação²⁴. A fala de Foucault (2017, p. 104), “lá onde há poder há resistência” diz que uma condição: resistência e poder caminham juntos.

²⁴ “[...] só é possível haver relações de poder quando os sujeitos são livres. Se um dos dois estiver à disposição do outro e se tornar sua coisa, um objeto sobre o qual ele possa exercer uma violência infinita e ilimitada, não haverá relações de poder. Portanto, para que se exerça uma relação de poder, é preciso que haja sempre, dos dois lados, pelo menos uma certa forma de liberdade.” (FOUCAULT, 2006, p. 276). Caso contrário, a relação viraria estado de dominação. Relações que são fixas, congeladas, cujo funcionamento se distingue das relações de poder, que são jogos estratégicos entre liberdades. Nas relações de poder, há sempre essa eventual inversão: “Jogos estratégicos que fazem com que uns tentem determinar a conduta dos outros, ao que os outros tentam responder não deixando sua conduta ser determinada ou determinando em troca a conduta dos outros” (p. 285). Quando não há possibilidade de escapatória, quando a força física é usada para coibir, não se trata de relação de forças, mas de subjugar. O outro fica destituído de poder e de resistência, torna-se refém da violência. Embora o intuito do trabalho não seja de enfatizar tal questão, uma *escritação* nasceu a partir de absurdos que ainda acontecem e escolhemos ao invés de descartá-la, usá-la para compor o trabalho, apesar disso. O nome dessa *escritação* é “Diário”, e nela optamos por usar o pronome “Ele” para contar as histórias, além de também termos escolhido formatá-la de modo um pouco diferente das demais *escritações*.

[...] não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica, pois, pelo menos de maneira virtual, uma estratégia de luta, sem que por isso elas cheguem a se sobrepor, a perder sua especificidade e, finalmente, a confundir-se. (FOUCAULT, 1995, p. 248)

Toda relação de poder implica resistência, uma “estratégia de luta”, pois supõe que os sujeitos têm, diante de si, escolhas, possibilidades de ação e condutas, chance de reações. Que há, para as pessoas, diante de determinadas situações ou contextos, diferentes modos de comportamento praticáveis.

As mulheres da pesquisa se relacionam. Outras pessoas, além delas próprias, aparecem nas *escritações*. Elas vivem relações de poder, por conseguinte, também exercitam resistências. Seja no ato de vomitar, na desobediência, seja na coragem em se orgulhar de si mesma e seguir em frente, nos questionamentos, nos segredos, seja no adoecimento que ou mortifica ou obriga a viver de modos alternativos...

Os pontos de resistência estão presentes, sempre, em toda a rede de poder; e estes pontos podem nos proporcionar, durante a leitura das histórias, um fôlego, uma força – mesmo que não percebamos imediatamente.

Elas, cada uma à sua maneira, disseminam focos de resistência e se rearranjam como podem. Percebemos quantos exercícios de forças aconteceram nas vidas dessas mulheres. Atritos que as fizeram se moverem, ocuparem outros espaços e que acabaram por fazer o mesmo também com quem se relacionava com elas. Jogos de poder e de resistência que romperam com o que estava dado e instituído e que impulsionaram rearranjos.

Nas palavras de Foucault (2017, p. 104-105):

[...] os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento. [...] introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos.

Agora, tendo entendido um pouco sobre poder e resistência, sabemos haver uma correlação de forças e não uma imposição, obrigação absoluta de agir de determinadas formas. Nas *escritações*, diante de cada acontecido, há uma

mulher diferente, que age e atua a seu modo. Mas que resiste, bem como a outra mulher, da outra *escrita*ção, da outra época, da outra história.

Diário

SONETO XLIII – COMO TE AMO?

Amo-te quanto em largo, alto e profundo
Minh'alma alcança quando, transportada,
Sente, alongando os olhos deste mundo,
Os fins do Ser, a Graça entressonhada.

Amo-te em cada dia, hora e segundo:
À luz do Sol, na noite sossegada.
E é tão pura a paixão de que me inundo
Quanto o pudor dos que não pedem nada.

Amo-te com o doer das velhas penas;
Com sorrisos, com lágrimas de prece,
E a fé da minha infância, ingênua e forte.

Amo-te até nas coisas mais pequenas.
Por toda a vida. E, assim Deus o quiser,
Ainda mais te amarei depois da morte.

Elizabeth Barrett Browning²⁵

Ele a espancou e a jogou do quarto andar. Ela foi agredida, ameaçada, enforcada. Ela contou para uma amiga, pelo WhatsApp, que o marido a odiava de morte, que não conversava com ela e a recriminava por tudo que dizia. Ela morreu, jogada do quarto andar. Paraná, Brasil.

Ele, contrariado pelo fato da namorada não querer reatar o namoro, pede abraço de despedida e dá treze facadas nela. Ela morreu, ensanguentada. São Paulo, Brasil.

Ele, na frente dos quatro filhos, jogou gasolina no corpo dela. Ela se arrastou para o banheiro, mas ele a alcançou e ateou fogo. Ela está em carne viva. Rio Grande do Sul, Brasil.

²⁵ Browning (1991).

Ele desconfiou que o filho que ela tinha na barriga não era dele, daí ele a matou asfixiada em frente ao filho de três anos. Ele diz estar arrependido. Ela está morta. Rio de Janeiro, Brasil.

Ele ficou aborrecido porque ela chegou embriagada de um evento, daí discutiram e ele deu um soco nela. Ela caiu e bateu a cabeça no chão. Ele, não importa onde está. Ela está morta. Santa Catarina, Brasil.

Ele desconfiou de uma traição da esposa, daí ficou bêbado, talvez para chorar as mágoas, coitado. Daí a espancou e depois a enforcou. Ela tinha dezenove anos e está morta. Minas Gerais, Brasil.

Ele a assassinou. Eles discutiram e ele bateu na cabeça dela com um rolo de macarrão. Ele a enterrou. Depois ele fez um boletim de desaparecimento e pediu ajuda para fazer buscas. Depois ela foi desenterrada pela polícia e foi enterrada novamente. Ela está morta. Alagoas, Brasil.

Ele, após discussão na rua com esposa, a executou com um tiro na cabeça com uma caneta-revólver. Ela foi socorrida, mas morreu. Amazonas, Brasil.

Ele não gostou de a esposa ter conseguido escapar de seu cárcere privado e ter se separado dele. No dia das mães ele pediu para ficar com o filho, mesmo sendo fora da data acordada na justiça. Ela negou, ele foi até sua casa e a baleou com cinco tiros em frente ao filho de quatro anos. Ela morreu. No dia das mães. Sem discussão. São Paulo, Brasil.

Ele atirou na mulher, na cabeça. Ela ficou na cama, ensanguentada, na casa em que moravam com os filhos, até que o socorro chegou. Ela ficou internada por seis dias, mas morreu. Não se sabe porque ele atirou. Mas sabemos. Rio Grande do Norte, Brasil.

Ele era ciumento. Após o divórcio, não suportou ver a ex esposa morando com novo companheiro e contratou seu primo para executá-la a tiros, diante do filho de 13 anos. Rio de Janeiro, Brasil.

Ele é um ex namorado. Ela foi morta por ele a socos e chutes. Ele nega as acusações e responde processo em liberdade. Ela está morta. Acre, Brasil.

Ele a engravidou. Ela teve o filho, a quem batizou com o nome do pai. Ele, insatisfeito com condutas tidas por ela, a matou, com a ajuda de amigos. Ele foi condenado a mais de 22 anos de prisão por homicídio, sequestro, cárcere privado e ocultação de cadáver. Ela levou coronhadas na cabeça, foi estrangulada, esquartejada. Ele foi solto menos de quatro anos depois de ser preso e já está empregado. Ela está morta e seu corpo nunca foi encontrado. Minas Gerais, Brasil.

Ele era o marido e deu um tiro nela. Ela estava grávida dele e fez o parto com uma bala alojada na cabeça. Ele está foragido. Ela está internada e ainda não conheceu a filha. Distrito Federal, Brasil.

Ele, policial militar e marido, deu três tiros nela e saiu de onde moravam com o carro dela. Não gostou que ela terminou com ele. Ela, policial militar e esposa, morreu dentro de casa. Ele, não importa. Ela está morta, com três tiros. Maranhão, Brasil.

Ele foi gravado em câmera de vídeo agredindo a mulher com socos, chutes e puxões de cabelo. Ela o denunciou e disse que aquela não era a primeira agressão que sofria. Ele foi solto menos de 24h depois. Ela está solta? Tocantins, Brasil.

Ele ligou para a polícia para denunciar o desaparecimento da esposa. Ela estava grávida de oito meses. Ele era ciumento. Ela foi encontrada num matagal na zona rural da cidade em que moravam. Ela está morta e enterrada, já meio podre, com um bebê de oito meses na barriga, que também já devia estar meio podre. Ele é um assassino. Ela é uma mulher. Bahia, Brasil.

Ele era o namorado e a espancou por seis dias num motel. Ela foi resgatada em estado grave e teve várias fraturas de ossos no corpo e na face. Ele foi

encaminhado para audiência de custódia. Ela está internada e corre o risco de perder a visão. Goiás, Brasil.

Ele foi casado com ela por sete anos. Ela se divorciou dele. Ele, uma noite, invadiu a casa dela. Ela acordou levando golpes de capacete na cabeça. Ela saiu correndo de camisola. Ele a alcançou e quebrou dois de seus ossos do braço com um pé de cabra. Ela conseguiu chegar na rua e correu e pediu socorro. Ele a perseguiu de moto e a atropelou e depois a chutou na cabeça. Ninguém a ajudou. Ela desistiu e desmaiou, ele fugiu. Mato Grosso do Sul, Brasil.

Ele queria transar. Ela não queria transar. Ele jogou gasolina nela e ateou fogo. Ele era o marido. Ela teve 75% do corpo queimado. Amapá, Brasil.

Ele esperou ela dormir. Ela estava dormindo. Eles haviam brigado. Ele jogou gasolina nela e ateou fogo. Ela acabou bebendo gasolina e sofreu queimaduras externas e internas, também inalou fumaça e teve lesão na via respiratória. Ela saiu correndo na rua pedindo socorro e foi levada por terceiros à Unidade de Pronto Atendimento. Ele deve prestar depoimento e não se sabe se será preso ou liberado após ser ouvido. Ela teve boa parte do corpo e o rosto desfigurados. Mato Grosso, Brasil.

Ele era o ex marido e estava com o filho deles. Ela foi buscar o filho de dois anos na casa dele. Ele a matou estrangulada com uma toalha e a escondeu dentro do sofá-cama no quarto do filho. A família dela a procurou por três dias até que a mãe dele sentiu um mau cheiro dentro da casa e encontrou o corpo da ex nora. Ele foi encontrado e está sendo processado. Ela está morta. Mato Grosso do Sul, Brasil.

Ele morava na casa dela há um ano. Ela terminou o relacionamento e pedia constantemente para que ele se mudasse de sua casa. Ele se recusava e após um tempo a matou a facadas, colocou seu corpo no sofá, coberto com um lençol, e fugiu. Ela está morta. Rondônia, Brasil.

Ele bateu nela com fios de computador e uma vassoura. Ela foi atendida e após ser liberada do hospital vai voltar para a casa da mãe. Ele não gostou que ela havia entrado na sua página do Facebook. Ela tem quatorze anos. Espírito Santo, Brasil.

Ele deu socos, tapas e pontapés nela na saída de uma boate. Ela não iria denunciar e nem contar para ninguém porque se sentiu muito culpada, estava dançando e sentiu-se responsável pelos ciúmes dele. No outro dia, ao ver os hematomas, ela mudou de ideia. Ele desmentiu. O caso está sendo investigado. Ela está sendo investigada. Maranhão, Brasil.

Ele, o marido, frequentemente a agredia. Tapas no rosto, socos, esganaduras, chutes, empurrões e puxões de cabelos. Ela achava que a culpa era dela e tinha medo de morrer. Ela está pesando quarenta e nove quilos e escolheu contar sobre o que passava. Ele desmentiu tudo e mesmo já tendo sido condenado por ter agredido outra mulher antes, agora diz que ela está fazendo imputações injuriosas e difamatórias. Pernambuco, Brasil.

Quantas

Páginas

Mais?

Quantas

Mulheres

Mais?

Maria da Vila Matilde

Cadê meu celular?
 Eu vou ligar pro 180
 Vou entregar teu nome
 E explicar meu endereço

Aqui você não entra mais
 Eu digo que não te conheço
 E joga água fervendo
 Se você se aventurar

Eu solto o cachorro
 E, apontando pra você
 Eu grito: péguix guix guix guix?
 Eu quero ver
 Você pular, você correr
 Na frente dos vizinhos
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
 (...)
 E quando o samango chegar
 Eu mostro o roxo no meu braço
 Entrego teu baralho
 Teu bloco de pule
 Teu dado chumbado
 Ponho água no bule
 Passo e ainda ofereço um cafezinho
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
 (...)

E quando tua mãe ligar
 Eu capricho no esculacho
 Digo que é mimado
 Que é cheio de dengo
 Mal acostumado
 Tem nada no quengo
 Deita, vira e dorme rapidinho
 Você vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Mão, cheia de dedo
 Dedo, cheio de unha suja
 E pra cima de mim? Pra cima de moi? Jamé, mané!

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim (GERMANO, 2015)²⁶.

²⁶ Música interpretada pela cantora brasileira Elza Soares.

A velha de hoje

Ninguém sabia o que ela era antes. Com os cabelos meio poucos e presos, sempre com o aspecto arrumado. Ninguém mesmo porque os que poderiam saber estavam ocupados e àquela época nada disso importava. Ela era velha, e isso vinha ao caso na medida em que aumentava o desinteresse que era direcionado a si, ao seu passado, à sua história. E ela seguia e aparentava não se importar, já que não falava e mantinha sempre a mesma cara de contrariedade, quer o dia estivesse de sol quer não.

* * *

Seu corpo ficava esquecido. Ela era velha. Servia para o trabalho, mesmo que só para o invisível. Fazia tudo mais ou menos, não tinha tanto capricho, exceto consigo. Embora também se esquecesse que ali tinha um corpo e que ele era feito de tantas coisas, de seu jeito discreto e até meio secreto tratava de acordá-lo, mesmo que fosse com perfume – o que denunciava o cuidado. Seu cheiro era sim de gente velha, mas de gente velha cheirosa. Daí que pelas costas as pessoas comentavam de sua vaidade, mesmo que este reconhecimento contradissesse todo o resto. Alguns riam, alguns se orgulhavam.

* * *

As cenas todas do dia a dia, dos juntados arranjados pela família e das festas, demonstravam que ela era brava. Brava de braveza e não de bravura (o que era, de fato, uma injustiça). Algumas crianças tinham medo e não ousavam, outras atentavam. Ela não dizia nada, mas não parecia amorosa. Não incutia desejo de colo, de aproximação, de acolhimento. Alguns diziam que ela era amarga e, com maldade, tristeza e algum rancor, relacionavam sua doença a isso. Como se de propósito ela tivesse engolido um monstro verde que agora a estivesse matando. Tinha parido crianças demais, como coisas da vida, e era assim. Algumas morreram outras viveram... E também não havia muito espaço para lamentos.

* * *

Ela era casada desde que se lembra. Mesmo homem, mesma vida. Não se lembra porque se casou. É como se fosse em outra vida, sua solteirice. Ou como se nunca tivesse existido esse tempo, essa ideia de si. Ela também não sabe se escolheu ter filhos, nem os amava com muito entusiasmo. Mas os amava.

* * *

Ela tinha um nome diferente, desses fortes, mas nem tanto, difíceis, mas nem tanto, e que também não chegava a ser brega. Um nome brasileiro, sem ambição. Era respeitável. Como a si mesma. Uma velha, que apesar de idade mantinha-se digna. E até o final, apesar de tudo.

* * *

Ela sabia que seu marido era meio sem vergonha, mas isso era muito perdoável àquela época. Ademais, o que faria sem ele? Era velha, era mãe, era dona de casa. Se importava, mas nem tanto. E mantinha sempre, junto com a cara um pouco amarrada e a rabugice, um leve sorriso no canto da boca, como um hábito. E ele caía bem com seus olhos muito azuis. Se se olhasse com carinho, dava pra ver algo ali, uma luz, um brilho, uma alegria.

* * *

Ela pensa que um dia vai dar risada, planeja e finge acreditar que terá coragem. Ela ri por dentro e sorri com o canto da boca por fora. Ela sabe que terá que satisfazer-se com isso. E, embora não se importe tanto, não tem energia suficiente para começar a ser ela mesma a esta altura. Ela é velha e está doente. Nem mesmo consegue pentear os cabelos. Odeia isso quase mais do que qualquer coisa, mais do que ter que fingir. Ela sempre gostou de espelhos.

* * *

Ela tinha colegas, conhecidos, não sei dizer se ela já teve uma amiga. Ou alguém com quem desabafar ou falar de sentimentos. E mesmo que não fale, há um fato. Aliás, há uma suposição, um murmurinho, uma cisma. Há dois filhos que se parecem diferentes dos outros tantos. Há um antigo vizinho. Há uma esperança de que ela não havia morrido sem segredos. Ela talvez não

fosse somente uma velha. Ninguém suspeita. Sim... alguém suspeita. Ela também foi uma mulher.

Lar

Triste louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal

A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores

Aceita que tudo deve mudar
Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define

Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só

Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só

Eu não me vejo na palavra
Fêmea: Alvo de caça
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só

Tomada por um cansaço, ela procura se lembrar do que importa. Está sem família. Percebe estar agora num lugar onde consegue respirar, mas tudo dói. Costelas que ferem o pulmão. Lembra-se como é gelado o ar fresco. Ela esforçou-se muito. Entende que agiu conforme precisava, até consegue se orgulhar, mas está exausta. Queria dormir. Orgulha-se, mas sabe que terá que arrumar novos amigos. Cansaço. Não sabe como recomeçar. Sozinha. Arrepende-se um pouco. Cansada. Pensa que precisa descansar antes que mude de ideia. Sabe não estar sozinha. Mas precisa descansar.

* * *

Ela rompeu, ela se rasgou e, em consequência disso, agora anda em trapos. Ela ainda não conseguiu vestir-se. No entanto, agora ela anda com as próprias pernas. Vestir-se passou a ser supérfluo diante disso. Quer roupas, mas tomará seu tempo para escolhê-las. Tenta não se importar tanto com isso agora.

* * *

Ela se orgulha de si, mas se arrepende, gostaria de ter conseguido fingir melhor. Por isso deu tantas chances ao marido. Ela se decepcionou com ele por ele não ter fingido melhor também. Se odeia por não ter tolerado, suportado mais um pouco. Seria tão mais fácil! Ela queria muito que o casamento a definisse. E agora está *desquitada*. Ela sente raiva do marido por tê-los exposto. Se sente menos. Menos mulher. Menos importante. Menos mãe. Ela sabe que terá uma longa estrada pela frente. Agora já foi, também não se vê em condições de voltar atrás. Ela teme, mas sabe que conseguirá.

* * *

Ela desatou nós, e agora nada para em seu corpo. Os nós a mantinham vestida e neste momento ela está nua. Sente-se bem. Mas sabe que queimar mapas funciona melhor nas músicas que na sua vida. Tenta novamente alguns enquadramentos, buscando ficar atenta para não cortar ou queimar os pés.

²⁷ Strassacapa (2016).

* * *

Ela sente-se bem, mas é considerada uma velha triste e sozinha. Ela anda na rua e quando conta sua história recebe olhares de piedade. Mesmo não pedindo, as pessoas a acalantam. Sente raiva.

* * *

Ela sabe que alguns fatos e eventos por si só não a definem, mas teme não dar conta de viver sem definição. Ela tem um amante e ama dois homens. Esse foi o arranjo que conseguiu dar para sua vida ser possível. Sabe-se contraditória. Não sabe dizer se é feliz assim. Mas os dias passam. Odeia despedidas.

* * *

Ela foi pedida em noivado e já tinha quase trinta anos. Ela não o amava tanto assim e ainda não havia decidido se queria mesmo ser uma esposa. Pensou em aceitar porque queria ter filhos, mas recusou. As pessoas a acham um pouco louca.

* * *

Ela tinha um namorado que, quando à sós, a maltratava. Ela ouvia dele que ela era feia, que não valia nada, que não conseguiria ninguém melhor que ele na vida... Mas ninguém sabia disso... A mãe dela o adorava. Nas vezes em que ela terminou o namoro, a mãe continuava amiga dele e o deixava entrar em casa. Dizia: “eu não vou expulsar ninguém da minha casa! ”. Numa dessas vezes, ela estava dormindo e ele entrou no quarto. Ela acordou com ele passando a mão em seu corpo. Ela pediu para que ele saísse. Ele saiu, mas antes falou muitas coisas. Falou baixinho, mas ela ouviu bem. Ela se afetou, brigou com a mãe. Depois disso a mãe sugeriu que ela saísse de casa. Ela saiu e hoje mora sozinha. Mas com as despesas da casa teve que parar de estudar. Ela está triste e sente-se muito sozinha. Tem saudades da mãe.

5 LAVANDO A LOUÇA

Tenho medo de escrever.
 É tão perigoso.
 Quem tentou, sabe.
 Perigo de mexer no que está oculto — e o mundo não está à
 tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do
 mar.
 Para escrever tenho que me colocar no vazio.
 Neste vazio é que existo intuitivamente.
 Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue.
 Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras
 que digo escondem outras — quais? talvez as diga.
 Escrever é uma pedra lançada no poço fundo.

Clarice Lispector²⁸

Ao final de escrita, acreditamos termos atingido o que foi proposto no começo da jornada. Ter sido possível, com a ajuda das *escritações*, pensar sobre a ideia de um poder que ultrapassa o nível estatal e que, ao invés disso, nos constitui. Uma ideia de poder mais atrelada ao controle, aos julgamentos, que vai nos interstícios, nas sutilezas e que extrapola a Lei. E também refletir sobre uma ideia ampla e criativa de resistência, que fala em resistir como invenção de “espaços de luta” (FOUCAULT, 2005, p. 74) e agenciamento de “possibilidades de transformação”, como algo que sempre se faz presente onde quer que haja exercícios de poder, e que promove “liberação da vida” (DELEUZE, 1997).

Embora o trabalho trouxesse como ponto de discussão conceitual principal, a questão dos poderes e das resistências vividas por essas mulheres, teve também como destaque a escrita das histórias. Ao longo do texto, processos de escrita foram trazidos por alguns autores. Barthes, que diz de um valor da escrita atrelado ao seu próprio fazer e que nos apresenta a ideia de um texto que seduz-apetece. Benjamin, que refere uma escrita que teria como matéria prima a vida humana. E, ao falar da experiência, Bondía, que nos conta de um sujeito da experiência que só existe ao se apresentar com disponibilidade para ser tocado. O encantamento pela escrita, que já havia sido mencionado no começo do texto, cresceu ainda mais!

²⁸ Lispector (1978, p. 13).

Antes de encerrarmos, gostaríamos de contar de uma “brincadeira” que realizamos despretensiosamente ao longo da criação das *escritações*, mas que nos foi muito saborosa e até útil. Como um “experimento”, os textos foram sendo oferecidos para serem lidos por outras mulheres. Havia uma ansiedade pelo retorno, e uma curiosidade para saber como ele seria digerido, se daria azia, se saciaria. As reações, ainda que não fizessem parte do projeto como questão, nem se enquadrassem nos objetivos ou resultados, de algum modo nutria a escrita e a pesquisa de suspeitas de que estávamos seguindo um bom caminho. Visto que quase sempre o retorno denunciava que a leitura da *escritação* havia aprazido os paladares.

As falas das mulheres/leitoras vinham com indagações sobre de quem se tratava a história, desconfianças de que o texto falava dela própria, de alguma conhecida ou se da própria mulher que assina este trabalho. Ou ainda, se havia de fato acontecido. Se a mulher da história estava bem. Às vezes, como reação às leituras, uma outra história comparecia, e delas se desdobravam outras e outras, como em *As mil e uma noites*²⁹.

E também foram inspiração. Não raro devolutivas cheias de emoções eram dadas: as mulheres contando que haviam se reconhecido naquelas mulheres dos textos, que as palavras entraram forte e causaram deslocamentos, que as fizeram lembrar de algo, chorarem, se arrepiarem, as causaram raiva, desconforto, sentimento de impotência. Certa vez, uma mulher contou que quase não conseguiu terminar a leitura, que a interrompeu diversas vezes por lembrar-se de sentimentos que ela própria tentava superar. Em várias ocasiões, elas disseram: “acho que eu sou um pouco essa mulher”, ao ler um trecho, uma frase, ou ao identificar-se com algum sentimento ou situação apresentados pela mulher da *escritação*.

²⁹ O livro conta a história de um rei, o sultão Shahriar, que após ser traído pela esposa, decide casar-se a cada noite com uma mulher diferente e mandar matá-la na manhã seguinte, como uma espécie de vingança pela infidelidade sofrida. Sherazade, a filha do grão-vizir (que era o encarregado pelas execuções), decide oferecer-se para casar-se com o sultão com o intuito de interromper o ciclo de mortes das mulheres de sua região. O livro conta que Sherazade, após os atos físicos que acontecem nas noites de núpcias - mas antes do amanhecer, começa a falar: conta histórias. E cada história contém uma outra, dentro de si, infinitamente. Deste modo, o sultão, curioso, decide ir postergando a execução da esposa, a fim de, na noite seguinte, ouvir a continuação da história. Adiado sua morte por mil noites e mais uma.

Talvez isso tenha vindo como um extra do processo do mestrado. Um aperitivo, um prazer surpresa que aquece o estômago e também nutre.

Aqui, para encerrar esse texto e fazer uma despedida, percebo precisar voltar à primeira pessoa do singular.

Me despeço e vos conto que hoje quem fará a janta aqui em casa sou eu. Hoje é domingo, está começando uma nova semana. A cozinha me acalma, me tranquiliza, me inspira, me prepara para continuar. Gosto de cozinhar e posso gostar, se “lugar de mulher é onde ela quiser”³⁰. Lugar de mulher é no escritório, onde estou agora, na escrita, pesquisando. E lugar de mulher também pode ser na cozinha, onde anseio por estar mais tarde, escolhendo os ingredientes, temperando, mexendo, assando alimentos que comerei acompanhada de pessoas queridas.

Lembro-me de Rubem Alves (2010), que revela escrever como quem cozinha, pensando no prazer que seu texto irá causar naquele que o lê/come. Ele diz acreditar ser este o desejo secreto de todo escritor: o prazer do leitor. Confesso que este também é, dentre outros, o meu desejo com esse texto-prato-dissertação. Talvez por isso a brincadeira com os títulos e subtítulos, pois a escrita e a pesquisa me remetem à ideia de uma cozinha que ocupo muitas vezes por necessidade, mas também por prazer e escolha.

Meu filho está ali, na sala, sendo cuidado pelo pai. Ouço risadinhas. Meu filho, um bebê-homem. Como serão suas relações?

Eu, trinta e seis anos, mulher, mãe, profissional, esposa, filha, estudante. Apegada, tenho imensa dificuldade em concluir.

Lembro-me do início da mestrado: após mais de 10 anos longe da Academia, virei bolsista, abri mão da bolsa por ter sido nomeada num concurso público

³⁰ Expressão muito usada em inúmeros contextos e que sugere que as mulheres podem ocupar os lugares que elas desejarem, independentemente de quais sejam estes espaços. Mulheres podem ocupar os lugares que são majoritariamente ocupados por homens. Mulheres podem ocupar lugares na política, nos esportes, na ciência, na academia, na engenharia e assim por diante. É um termo que faz frente aos enunciados iniciados com a expressão “Lugar de mulher é...” e que, infelizmente, ainda nos dias de hoje, são tão comuns de serem terminados com falas limitantes e machistas, como “...na cozinha”, “...no tanque”, “...cuidando dos filhos”, “...servindo cerveja para o marido” etc. Penso que pode ser entendido como um termo que nos ajuda a refletir, a pensar sobre coisas que são tidas como “naturais” ou “normais”, a reivindicarmos.

no qual empenhei muitos esforços, após trabalhar quase um ano num hospital psiquiátrico período integral, achando-me frágil, precária, incapaz e impotente, adoeci, após um período de licença médica e tratamento, pedi exoneração mesmo com muito medo, sem emprego formal, trabalhando no meu consultório, sem licença maternidade, engravidei, segui e com muito medo, numa época em que discussões sobre violência obstétrica ainda são recentes e após quase quarenta horas de trabalho de parto, pari - sem episiotomia, após dois meses retornei ao consultório, aos poucos, devagar, tive marido em casa de licença paternidade por quatro meses se dedicando ao nosso filho, quando Theo fez nove meses, passei numa seleção para trabalhar com carteira assinada quatro horas por dia como psicóloga clínica, aceitei o emprego, amamento sempre que posso, mantenho consultório, ordenho e estoco leite para que meu filho seja alimentado também com meu leite na minha ausência, frequentemente me vejo explicando pra alguém que a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda amamentação até os dois anos de vida, ou mais, sinto culpa, sinto raiva, sinto orgulho, sinto alegria, sinto muito, sinto muito amor. Sempre sou capturada, sempre busco escapar. Procuro não ser fisgada pela ideia de que tenho que “dar conta”, pois sei que não tenho e não dou. Mas preciso me manter de olhos abertos e bem nutrida.

E esta é parte de uma história que é minha, mas sei que alguns de seus trechos também ecoa com o de outras mulheres. Encerro dizendo que após esta pesquisa me sinto mais de mãos dadas com elas, essas mulheres e outras, e com confiança, peço e desejo que ninguém solte a mão de ninguém³¹.

³¹ Menção a frase “Ninguém solta a mão de ninguém”, que vem acompanhada de um desenho de um aperto de mãos e de uma rosa, muito compartilhada após o fim das eleições para presidente do Brasil (28/10/2018). Momento em que um número significativo de mulheres e outras minorias ficaram temerosos com a vitória do candidato de extrema direita. A criadora da imagem é Thereza Nardeli, cientista social e tatuadora que explica suas intenções: “Fiz a postagem porque quis passar uma mensagem de resistência e união, que me deu alento, num momento tão decisivo para o país”. Ela disponibilizou a imagem para ser compartilhada livremente pela internet colocando um link em seu perfil para que a imagem pudesse ser baixada em boa resolução.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Naiara. **“Mulheres com Bolsonaro” tem mais de 300 mil membros no Facebook**. Exame. Texto disponibilizado em 13 set. 2018. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/brasil/mulheres-com-bolsonaro-tem-mais-de-300-mil-membros-no-facebook/>>. Acesso em: 14 out. 2018.
- ALVES, Rubem. **Retorno e terno**. 28 ed. São Paulo: Papirus, 2010.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Lição de coisas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- APÓS ameaça de Eduardo Costa, famosas defendem Fernanda Lima. A apresentadora global contou com a sororidade de suas colegas de emissora. **Catraca Livre**, São Paulo, 08 nov. 2018. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/entretenimento/apos-ameaca-de-eduardo-costa-famosas-defendem-fernanda-lima/>>. Acesso em 22 nov. 2018.
- ASSUMPÇÃO, Itamar. Baby. In: ASSUMPÇÃO, I. **Beleléu, lelêu, eu**. São Paulo: Lira Paulistana, 1980. 1 LP. Lado B, faixa 2.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. São Paulo: Planeta, 2010.
- BARTHES, Roland. **O grão da voz**. Extraído de entrevista publicada no *Nouvel Observateur*, em 20/04/1980. Lisboa: Edições 70, 1982.
- _____. **Inéditos**. Vol. 1. Teoria. São Paulo: Martins Editora Livraria, 2004.
- _____. **Inéditos**. Vol. 2. Crítica. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 175.
- _____. **Aula**. Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.
- _____. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENJAMIM, Walter. O narrador. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas. Vol. 1. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BATLIWALA, S. The meaning of women's empowerment: new concepts from action. In: G. Sen, A. Germain; L.C.Chen (eds.), **Population policies reconsidered: health, empowerment and rights**, Boston: Harvard University Press, 1994. p.127-138.
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 183-191.

BROWNING, Elizabeth Barrett. **Sonetos Portugueses**. Tradução de Manuel Corrêa de Barros. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BRUM, Eliane. **A mulher erectus**. Texto disponibilizado em 17 nov. 2009. *In*: ELIANE Brum Desacontecimentos. Disponível em: <<http://elianebrum.com/2009/11/page/2/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

BUARQUE, Chico. Uma canção desnaturada. *In*: BUARQUE, Chico. **Ópera do malandro**. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1979. 2 LPs. Disco 1. Lado A, faixa 4.

_____. Tanto amar. *In*: BUARQUE, Chico. **Almanaque**. Rio de Janeiro: Ariola/Philips, 1981. 1 LP. Lado B, faixa 2.

CABRAL, A. Pedagogia do Oprimido. **Rev. Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 5, p. 200-204, 2005.

CADERNOS DE GÊNERO E TECNOLOGIA. Entre vistas e olhares. Cecília Maria Bacellar Sardenberg fala aos Cadernos de Gênero e Tecnologia. **Cad. gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 10, n. 35, p. 83-95, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/7413/4614>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

COIMBRA, Cecília. Os caminhos de Lapassade e da Análise Institucional. **Revista do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense**, Niterói, n. 7, v. 1, p. 52-80, 1995.

CORAZZA, Sandra. Maria. Introdução ao método biografemático. *In*: FONSECA, T. M. G.; COSTA, L. B. (Orgs.). **Vidas do Fora**: Habitantes do silêncio. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 85-107.

CORREA, Paula. **Tudo o que mãe diz é sagrado**. São Paulo: LeYa, 2013.

COSTA, Luciano. Bedin da. **Estratégias biográficas**: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche, Henry Miller. Porto Alegre: Sulina, 2011.

COSTA, Luis Artur; ANGELI, Andréa do Amparo Carotta de; FONSECA, Tania Mara Galli. Cartografar. *In*: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci. (Orgs.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 43-46.

COUTO, Mia. **Pensatempos**. Textos de opinião. Lisboa: Caminho, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988

_____. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DISCURSO de Fernanda Lima gera rede de apoio na rede. **Universa**, São Paulo, 08 nov. 2018. Disponível em: <<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2018/11/08/discorso-de-fernanda-lima-gera-rede-de-apoio-na-rede.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 21 nov. 2018.

FERNANDES; Marcela; MARTINELLI, Andréa. **Quem são as mulheres que apoiam Bolsonaro e pedem o movimento #EleSim**. Texto publicado em 29 set. 2018. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/09/28/quem-sao-as-mulheres-que-apoiam-bolsonaro-e-pedem-o-movimento-elesim_a_23545310/>. Acesso em: acesso em 14 out. 2018

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. (Org.). **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, Manoel Barros da. **Foucault**: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense, 2006, p. 264-287.

_____. **Microfísica do poder**. 25. ed. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. São Paulo: Graal: Paz e Terra, 2008.

_____. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. 5 ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. heide

GAGNEBIN, J. M. **História e narração em Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **De camino al habla**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987.

JORGE, A. M. Qualia e Consciência. **FACOM**, n. 17, 2007, p. 55-60.

KASTRUP, Virgínia. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes (Orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p. 465-489.

LEÓN, Magdalena de. El empoderamiento de las mujeres: Encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género, **La Ventana**, n. 13, p. 94-106, 2001.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida** (Pulsações). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

_____. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOURAU, René. **Análise Institucional e Práticas de Pesquisa**. Rio de Janeiro: NAPE/UERJ, 1993.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. Vol. II. 3 ed. Lisboa: Horizonte, 1977.

MACHADO, Leila Domingues. **À flor da pele**: subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2010.

MAGALHÃES, Milena. **Por que (amo) Barthes?**. Porto Velho: UFRO, 2003.

MARASCHIN, Cleci; RANIERE, Édio. Bricolar. *In*: FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci. (Orgs.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 41-44.

MEDEIROS, Martha. **Poesia Reunida**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MOLYNEUS, Maxine. Mobilization without Emancipation? Women's Interests, the State, and Revolution in Nicaragua, **Feminist Studies**, v. 11, n. 2, p. 227-254, 1985.

MORAES, Vinícius de. **Todo amor**. Vinícius de Moraes. Organização e apresentação Eucanaã Ferraz. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MOSEDALE, Sarah. Towards a Framework For Assessing Empowerment. Artigo apresentado na **International Conference New Directions in Impact Assessment for Development: Methods and Practice**, University of Manchester UK, 24-25 Novembro, 2003.

_____. Policy arena. Assessing women's empowerment: Towards a conceptual framework. **Journal of International Development**, 17, p. 243-257, 2005.

PESSOA, Fernando. **Poesia, 1931-1935**: e não datada. Edição Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas, Madalena Dine. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **O que é o empoderamento feminino?** Carta Capital. Texto disponibilizado em 25 set. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/971/o-que-e-o-empoderamento-feminino>>. Acesso em: 13 out. 2018.

ROBBE-GRILLET, Alain. **Por que amo Barthes**. Tradução de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2014.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SCHIAVO, Marcio R.; MOREIRA, Eliesio N. **Glossário Social**. Rio de Janeiro: Comunicarte, 2004.

STRASSACAPA, Juliana. Triste, Louca ou Má. Intérprete: Francisco, el Hombre com participação de Salma Jô, Helena Macedo, Larissa Baq e Renata Éssis. *In*: FRANCISCO el Hombre. **Soltasbruxa**. Produção de Zé Nigro e Francisco, el Hombre de dezembro de 2015 a julho de 2016 no Estúdio Navegantes. São Paulo: [independente], 2016. 1 CD, faixa 6.

GERMANO, Douglas. Intérprete: Elza Soares. *In*: SOARES, Elza. **A Mulher do Fim do Mundo**. São Paulo: Circus / Natura Musical, 2015. 1 CD, faixa 3.

VALOURA, Leila de Castro. **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador**. Disponível em:

<

https://www.researchgate.net/publication/303912423_Paulo_Freire_o_educador_brasileiro_autor_do_termo_Empoderamento_em_seu_sentido_transformador>. Acesso em: 10 nov. 2018.

VIGNER, Júlia. **Professora baiana é uma das donas de grupo contra Bolsonaro que sofreu ataque hacker**. Correio 24h. Texto publicado em 17 set. 2018. Disponível em:

<<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/conheca-baiana-dona-de-grupo-contrabolsonaro-que-sofreu-ataque-hacker/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

WOOLF, Virgínia. **O Sol e o Peixe**: Prosas Poéticas. Seleção e tradução: Tomaz Tadeu. São Paulo: Autêntica, 2015.